

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

**AMOR E DOR: VIOLÊNCIA NA VIDA CONJUGAL DE
UMA MULHER**

ANA CAROLINA GOMES TEIXEIRA

**PORTO VELHO- RO
2011**

ANA CAROLINA GOMES TEIXEIRA

**AMOR E DOR: VIOLÊNCIA NA VIDA CONJUGAL DE
UMA MULHER**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para a obtenção do título de **mestre em Psicologia.**

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Ivonete Barbosa Tamboril

**PORTO VELHO - RO
2011**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Carolina Gomes Teixeira
Amor e dor: violência na vida
conjugal de uma mulher

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Rondônia para obtenção do título de mestre em
Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Aprovada em: 29/08/2011

Banca Examinadora:

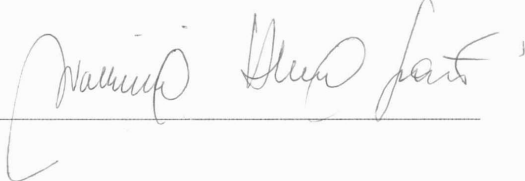
Prof.^a Dra. Maria Ivonete Barbosa Tamboril

Instituição: UNIR Assinatura: 

Prof.^a Dra. Melissa Andréa Vieira de Medeiros

Instituição: UNIR Assinatura: 

Prof.^a Dra. Walkíria Helena Grant

Instituição: USP Assinatura: 

**Dedico este trabalho a minha
mãe Pedrina**

AGRADECIMENTOS

Ao MAPSI pela oportunidade de crescimento.

A Profª Dra Ivonete Tamboril, pelo acolhimento do meu trabalho com entusiasmo.

A Profª Dra. Melissa Andrea, agradeço a todas as sugestões, correções e nomeações.

A Profª Dra. Walkíria Grant, pela honra de tê-la em minha banca examinadora.

Ao Profº Dr. Juliano Cedaro, pela oportunidade de nesses longos anos tê-lo como amigo e poder recorrer as suas leituras atentas e rigorosas.

A Daniella, amiga, sempre presente nos melhores e piores momentos enfrentados no decorrer da pesquisa e construção da dissertação.

As amigas de mestrado Fernanda Bordallo, Vanessa, Elisângela, Sheilla Shediak pela oportunidade de poder contar com vocês nos momentos de angústia.

A minha amiga Elani, que me deu força quando pensei em desistir.

A minha mãe, por ser uma forte incentivadora nos meus estudos.

A minha filha Júlia, por me ensinar a ser mãe e me tornar uma mulher melhor a cada dia.

Não me Peçam Razões...

Não me peçam razões, que não as tenho,
Ou darei quantas queiram: bem sabemos
Que razões são palavras, todas nascem
Da mansa hipocrisia que aprendemos.

Não me peçam razões por que se entenda
A força de maré que me enche o peito,
Este estar mal no mundo e nesta lei:
Não fiz a lei e o mundo não aceito.
Não me peçam razões, ou que as desculpe,
Deste modo de amar e destruir:
Quando a noite é demais é que amanhece
A cor de primavera que há de vir.

José Saramago, in "Os Poemas Possíveis"

TEIXEIRA, Ana Carolina Gomes. **Amor e dor: violência na vida conjugal de uma mulher**. 89f. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2011.

RESUMO

A violência contra a mulher, também denominada de “violência conjugal”, é um fenômeno que atinge mulheres de toda parte do mundo, classes sociais, idades, etnias e gerações, não se restringindo a um determinado “jeito de ser mulher”. Ao investigarmos o assujeitamento de mulheres à violência conjugal buscamos compreender a dinâmica psíquica de uma mulher de classe média alta em condições de independência financeira do cônjuge, possuindo nível superior completo que se assujeita a uma relação conjugal violenta. Para isso, fez-se necessário uma análise do ponto de vista da mulher quanto a sua percepção sobre o relacionamento violento. A investigação foi orientada pela abordagem qualitativa, utilizando como recurso entrevistas livres e semidirigidas, gravadas e transcritas na íntegra. A partir da análise dos resultados, foi possível verificar que a mulher repete nas relações amorosas, decepções infantis que lhe causaram dor e prazer, revelando um desejo masoquista satisfeito indiretamente, por um desvio, isto é, pela escolha de um objeto amoroso sádico e a indulgência à sua perversão, enquanto que a satisfação direta é recusada. A condição sócio-econômica da mulher não é um fator preponderante para o rompimento da relação violenta, pois sua dependência não é financeira e sim afetiva. A compreensão da dinâmica psíquica feminina em relação à violência conjugal implica em transformações por mais sutis que sejam no acolhimento das mulheres que procuram auxílio na delegacia de polícia da mulher ou nas clínicas médicas, de modo a poder ajudá-las em suas demandas emocionais. É importante compreender que não se pode equacionar o silêncio com o rompimento da relação violenta, pois é difícil já que implica romper todo um modelo de vida, com a esperança de mudança, ou com a fantasia que minimiza as perdas atuais, fazendo o rompimento projetar-se como uma perda insuportável daquilo que de alguma maneira lhe causa prazer.

Palavras- Chave: Violência, Mulher, Assujeitamento, Prazer.

TEIXEIRA, Ana Carolina Gomes. **Love and Pain: violence in the conjugal life of a woman.** 89f. Dissertation. (Master). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2011.

ABSTRACT

Violence against women, also called "domestic violence" is a phenomenon that affects women from all over the world, regardless social classes, ages, ethnicities or generations, not being restricted to a particular "way of being a woman." By investigating the subjection of women to domestic violence seek to understand the psychological dynamics of an upper middle class woman in a position of financial independence of the spouse, having completed higher education that subjection to a violent marital relationship. For this, it was necessary to have an analysis, in the point of view of women, as their perception of a violent relationship. The investigation was guided by a qualitative approach, using semi-structured free and feature interviews, taped and transcribed verbatim. From the analysis of the results, we found that the woman repeats in love relationships, children's deception that caused her pain and pleasure, revealing a masochistic desire fulfilled indirectly, for a deviation, ie, by choosing a love object and the sadistic indulgence his perversion, while the direct satisfaction is refused. The socioeconomic status of women is not a major factor in the violent breakup of the relationship, because their dependence is not financial but emotional. The understanding of the psychological dynamics of women in relation to domestic violence involves subtle changes that should be observed in the reception of women seeking help at the woman police station or in outpatient clinics, in order to help them in their emotional demands. It is important to understand that one cannot equate silence with the violent breakup of the relationship, it is difficult as it involves breaking a whole way of life, with the hope of change, or the fantasy that minimizes current losses, projecting the disruption as an unbearable loss that somehow gives her pleasure.

Key Words: Violence, Women, subjection, Pleasure.

]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.1 – Feminização da Cultura.....	16
2 – FEMININO E PSICANÁLISE.....	20
2.1 – O medo de perder o amor é bem feminino.....	24
2.2 – O masoquismo em Lacan.....	31
3- FEMININO E PSICANÁLISE	34
3.1 – Violência conjugal: uma construção social	34
3.2- Agressão, violência e abusos: definições.....	35
3.3 – Formas de Abuso e Agressão.....	38
4 – O MÉTODO.....	44
5 – RELATO	48
5.1 – Nota Introdutória	48
5.2 - Louise: violência como condição para viver em paz	49
6 - ANÁLISE.....	58
6.1 - Violência como condição de equilíbrio.....	60
6.2 - Filho: é necessário ser mãe?	65
6.3 - Traições: desejo de ser única.....	67
6.4 - O lugar do Pai na definição da mulher	69
6.5 - O desequilíbrio como equilíbrio da vida psíquica.....	71
6.6 - Mulher ideal para a relação violenta.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	87
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	87

ANEXO.....	88
ANEXO A – Carta de Aprovação do CEP	88
ANEXO B – Carta de Aprovação do CEP	89

INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre a temática violência conjugal em uma mulher de classe média alta. A violência contra a mulher, também denominada de “violência conjugal”, é um fenômeno que atinge as mulheres de toda parte do mundo, classes sociais, idades, etnias e gerações, não se restringindo a um determinado “jeito de ser mulher”.

A realização dessa pesquisa não se deu por acaso, nem se constituiu em um fato isolado, isento de determinações antecedentes. As constantes reportagens na mídia e casos clínicos vivenciados em meu trabalho profissional a respeito da violência contra a mulher na relação conjugal e a constante culpabilização do agressor me fizeram querer compreender a dinâmica psíquica feminina e os fatores subjetivos ligados ao assujeitamento¹ de uma mulher com escolaridade em nível superior em condições de independência financeira.

A violência contra a mulher não parece ser algo advindo da pós-modernidade, pois há uma presença evidente desta violência, seja nas passagens bíblicas ou na mitologia, que relatam várias formas de violência, incluindo homicídios. Quando os romanos conquistaram a Grécia, as mulheres foram postas como servas e propriedades dos homens, devendo-lhes total obediência. (COULANGES, 1996).

Durante o desenvolvimento das sociedades, seja ela pré-histórica ou não, observa-se a violência intrinsecamente arraigada à cultura local, desvinculada do horror, ganhando uma característica de “normal”.

Na sociedade contemporânea, a violência conjugal revela-se como uma “falsa” visibilidade das pessoas, pois inúmeras são as respostas prontas que parecem justificar os motivos do ato de quem agride e a passividade de quem sofre a violência. Então, surge a questão: o que psiquicamente mobiliza a mulher a se assujeitar neste tipo de relação?

Ao consultar o banco de dados de dissertações e teses², foram encontrados quatro trabalhos com algumas características que colaboraram neste estudo, que são:

- 1- *A violência conjugal contra mulheres de classes médias do município de São Paulo* (SILVA, 2007);

¹ O termo assujeitamento considera o indivíduo submetido à regras específicas que delimitam o discurso, pois ele não é totalmente livre para dizer o que quer e nem expressar o que realmente deseja. In: Seria o sujeito totalmente assujeitado? Célia Bassuma Fernandes, UEL/UNICENTRO, 2008.

² www.bdtd.ibict.com.br

- 2- *Violência Conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos* (MARQUES, 2005);
- 3- *Estudo exploratório sobre a submissão feminina a situações crônicas de violência doméstica* (BRAGHINI, 1990);
- 4- *O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência* (CUNHA, 2007).

Além desses, também foram encontrados três trabalhos que objetivavam explicar a violência conjugal a partir das razões sociais e de gênero, são eles:

- 1- *Rota crítica: os (des) caminhos trilhados por mulheres em situação de violência doméstica na busca por ajuda* (SILVA, 2008);
- 2- *Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica que mantém o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões* (JACOBUCCI, 2004);
- 3- *Bate-se em uma mulher: impasses da vitimização* (CERRUTI, 2007).

As pesquisas citadas me ajudaram a embasar esse estudo, principalmente no tocante a relação de assujeitamento das mulheres nas relações conjugais, porém observei que apenas duas abordaram a questão psíquica da mulher dentro do contexto da violência, sendo estas mulheres de classes populares. Também percebi um foco maior nas relações sociais estabelecidas, desde o momento em que os papéis de gênero são definidos e estabelecidos.

Durante a busca pelas pesquisas realizadas no Brasil, há uma forte presença de pesquisas com mulheres de classes populares, desinformadas quanto aos seus direitos, dependentes financeiramente do cônjuge e desamparadas pela família.

Apesar do interesse crescente sobre a violência conjugal é surpreendente que tenha encontrado um número pequeno de pesquisas sob a perspectiva psíquica da mulher nesta relação, principalmente nas classes média e média alta que dispõem de condições financeiras, que poderiam subsidiar o seu sustento em caso de separação, o que não ocorre na maioria das vezes, confrontando com algumas pesquisas que evidenciam a dependência financeira e a falta de conhecimento dos direitos como base para o assujeitamento.

É importante olharmos para a subjetividade da mulher que mesmo tendo um salário que lhe propicie independência financeira do cônjuge, escolaridade de nível superior, enfrenta uma dificuldade de romper o ciclo de violência conjugal vivenciado.

A falta de compreensão da dinâmica psíquica feminina em relação à violência conjugal pode dificultar o acolhimento das mulheres de modo a poder ajudá-las em suas demandas emocionais. As medidas psicológicas interventivas e a compreensão do discurso

serão válidas a partir do momento em que deixem falar os aspectos subjetivos e que garantam direitos e não destaquem dessemelhanças.

A necessidade de pesquisar e entender o contexto da violência conjugal na classe média e média alta a partir da possibilidade de uma assujeição psíquica está embasado no fato de propiciar dados que possam contribuir para os trabalhos institucionais e clínicos, permitindo que a mulher perceba seu discurso queixoso e vitimizado e passe a ter capacidade de ação a partir da compreensão de seus desejos. Além desta contribuição, é importante para os profissionais de saúde, a possibilidade de olhar além das lesões físicas apresentadas pelas mulheres na procura de atendimentos nas unidades de saúde.

Pode-se inferir que novas construções teóricas quanto à dinâmica psíquica, são possibilidades de conhecimento dessa realidade, não ficando restrita somente a questão do patriarcalismo, tendo em vista que a dificuldade financeira e a falta de informação não parecem ser as únicas razões para a manutenção de uma relação conjugal violenta.

Neste contexto a pesquisa buscou compreender a dinâmica psíquica de mulheres de classe média ou média alta em condições de independência financeira do cônjuge, possuindo nível superior completo que se assujeitam a uma relação conjugal violenta. Para isso, fez-se necessário uma análise do ponto de vista da mulher quanto a sua percepção sobre o relacionamento violento. Neste percurso busquei:

- 1- Compreender a percepção da mulher sobre o papel feminino na relação conjugal violenta;
- 2 - Verificar o discurso assumido pela mulher em seu mundo social a partir da existência da violência;
- 3 - Analisar a influência da condição sócio-econômica no assujeitamento da mulher à violência;
- 4 - Identificar e analisar possíveis ganhos secundários da condição de assujeitada à relação violenta por parte da mulher pesquisada;

O trabalho está dividido em seis capítulos. No primeiro capítulo intitulado Psicanálise, relato a construção do feminino na cultura a partir de uma visão filosófica até sua construção na visão psicanalítica.

No segundo capítulo denominado Feminino e Psicanálise apresento a compreensão do assujeitamento da mulher à violência conjugal a partir do psiquismo feminino.

No terceiro capítulo que denominei Feminino e Violência faço uma breve análise da construção social da violência contra a mulher, bem como apresento alguns dados estatísticos e as formas de violência existentes.

No quarto capítulo apresento o Método utilizado para desenvolver a pesquisa e as estratégias buscadas para o êxito da mesma.

No quinto capítulo apresento o Relato do caso a ser estudado, com suas peculiaridades. No sexto capítulo, apresento a análise do caso a partir dos pressupostos psicanalíticos buscando compreender o assujeitamento da mulher à violência conjugal.

Nas Considerações Finais, reflito sobre a dinâmica que assujeita uma mulher à violência do cônjuge, seu discurso social apresentado e a dificuldade de romper com a violência.

O desejo de realização desta pesquisa é que ela possa contribuir para o trabalho dos profissionais que estão diariamente atendendo, sejam nas clínicas ou delegacias, mulheres que buscam acolhimento para o seu “sofrimento” frente à violência do cônjuge. Que a compreensão da dinâmica feminina possa contribuir para o planejamento das intervenções a serem tomadas nas situações queixosas das mulheres e que elas possam ser encorajadas a tornarem-se sujeitos autônomos, mesmo que seja na compreensão de seus desejos.

1 – PSICANÁLISE

A psicanálise surge num solo de crise da razão, estando referenciado e determinado pelo questionamento do sujeito clássico da razão. A filosofia contemporânea caminha para um moderno questionamento do sujeito expresso, enquanto experiência-limite que contestaria o “privilegio filosófico do sujeito”. Dentro desta perspectiva, a obra freudiana coloca no primeiro plano a experiência-limite do homem, ao formular o inconsciente, a sexualidade desvinculada de qualquer determinação natural e finalmente o homem como experiência-limite dos embates entre a pulsão de vida e de morte. (NERI, 2005).

No campo filosófico, o questionamento mais contundente do sujeito da representação se opera na obra nietzschiana, no qual emerge um ser de vontade e de querer que se constitui em um combate de forças. Se a pulsão em Nietzsche é uma carga energética impalpável e plurívoca, ao mesmo tempo matéria e demiurgo de toda concreção do mundo orgânico e cultural, *trieb* é antes de tudo *triebkraft*³, ou seja, da ordem do múltiplo, da pluralidade das forças em oposição que não se deixam recolher no interior de nenhuma unidade a ser obtida como síntese totalizadora, resultante de um movimento dialético de conciliação.

O conceito de pulsão ocupa um lugar determinante na obra freudiana, e tal como em Nietzsche não há para Freud uma pulsão isolada, pois ela está inserida em uma trama de confrontação de forças onde se instituem como configurações de intensidade energéticas. Os teóricos acima referenciados apresentam teorizações parecidas no que concerne à pulsão, tendo em vista que na segunda tópica, Freud atribui ao id, reservatório da pulsão, a instância inconsciente que Nietzsche chama de quantum de força. Logo, o sujeito é projeto, algo a ser inventado numa dimensão não mais científica, mas da ordem de um estilo.

Entre 1890 e 1910, germina e floresce em Viena aquilo que os historiadores das idéias e da literatura chamaram de *modernidade vienense*. Neste período, o romantismo e a modernidade colocaram o indivíduo e a subjetividade como ponto central da cultura.

Crise da razão, crise da identidade do sujeito clássico da razão, a crise da ordem transcendental metafísica vai colocar em crise a hegemonia do gênero masculino. A partir da Antiguidade até o século XVIII vigorou o modelo do sexo único, modelo teológico metafísico segundo o qual é o gênero que define o sexo, postulando assim a existência de um único sexo, o masculino, e o feminino sendo considerado um masculino inferior.

³ Força pulsional

Em sua *História da Sexualidade*, Foucault (2006) mostra que o elemento sexual apresenta grande instrumentabilidade nas relações estratégicas de poder. A partir do século XVIII ele observa o surgimento das ciências sexuais, um conjunto de disciplinas e saberes que visam menos à repressão do sexo e mais ao adestramento dos corpos e das sexualidades, com o objetivo de produção de subjetividades que se coadunem com a consolidação do capitalismo e da família burguesa.

Nesta obra, Foucault (2006) afirma ainda que os dispositivos de saber e poder produzidos pelas ciências sexuais incide particularmente sobre o corpo feminino que será patologizado. A operação de histericização do corpo feminino apresentado como excessivo, desviante, nervoso, histérico tem o intuito de configurá-lo como sexualidade perigosa para a sociedade, visando a excluir a mulher do espaço público.

1.1 – Feminização da Cultura

Aristóteles remete o masculino à forma ativa, princípio divino criador, ser que engendra, que teria o domínio da arte, da ciência, do saber e da razão em oposição ao feminino que seria matéria bruta, forma passiva, receptáculo a ser engendrado, natureza a ser moldada pelo artesão.

Em 1911, Simmel, em seu ensaio sobre a *Cultura filosófica*, interroga-se a respeito da cultura feminina que marcaria a contemporaneidade. Para ele, esse movimento se desencaminharia caso se reduzisse a uma repetição dos conteúdos masculinos pelas mulheres, mas, no caso de ser uma afirmação de diferença, “então seria realmente descoberto um novo continente de cultura”. (p. 37).

A modernidade vem para operar um deslocamento das representações tidas como universais para o campo da história. O feminino, ao surgir na cena social, torna-se parte da história, colocando para o pensamento a tarefa de problematizar a questão da diferença de sexos.

Simone de Beauvoir (1949) afirma que o feminino virá interrogar a certeza de um saber masculino racional, fazendo-o cair de um céu luminoso, organizado, ao se apresentar como sexo carnal, caótico, matriz evocadora dos limites da razão sobre a sexualidade, a vida e a morte.

No fim do século XIX, um cenário de explosão do erotismo feminino que expressa novas formas de inscrição subjetiva e erótica do corpo feminino no espaço privado e público.

A sexualidade será um terreno de viva contestação por parte das mulheres e quatro práticas femininas – prostituição, aborto, travestismos e amizades românticas – se destacam como formas de transgressões eróticas.

Os primeiros passos do feminino no espaço da cultura do século XIX, a conquista ou reconquista desse espaço, do qual ela foi excluída se inaugura nos passos da dança, no espaço do teatro, onde a crise histórica se converte em arte, inscreve-se como cultura.

Ao se apropriar do espaço cultural, o feminino aponta para uma cultura que rompe com o pacto civilizatório e na qual a sublimação não é dessexualização, mas corpo erótico, inscrevendo uma estética de vida.

Salomé citado por Neri (2005) revelou que ainda que a luta pela emancipação das mulheres possa se tornar uma triste corrida para imitar os homens, que as afastaria de encontrar uma especificidade do feminino ainda a ser construída pela mulher, ela possibilita a evasão da mulher da estreiteza do círculo familiar.

O feminino desenhando em sua crise o questionamento de sua identidade atrelada à natureza e de sua sexualidade reduzida à função biológica de perpetuação da espécie nessa equação: ser mulher = ser mãe.

A modernidade vienense, conjugando a perplexidade da falência do eu da emoção criadora, se constitui como cenário do advento da psicanálise, palco aonde vai se produzir o teatro da histeria. Se a modernidade rima com desagregação do eu e nervosismo, a psicanálise vem se debruçar sobre a crise de nervos do homem moderno, constituindo-se em sua fundação como interrogação sobre o que ela designará como neurose histórica, sistematizando assim – o nervosismo como doença do homem moderno que poderia levá-lo à loucura ou à criação artística.

Em face da fragilidade do eu enunciada de forma contundente pela modernidade vienense, Freud vem dar o golpe de misericórdia a qualquer possibilidade de reconstrução de uma identidade menos frágil: à noção de individualidade, bem como à noção ilusória de identidade, ele vem contrapor o conceito de identificação para expressar a impossibilidade de uma identidade estável e permanente.

A luz da psicanálise, a identidade de cada sujeito aparece como um jogo constante e imprevisível e seria melhor falar de identificações no plural, identificações móveis, “como visitantes do Eu, que se disputam pela dominação do sujeito”. (NERI, 2005).

Os médicos que se interessaram pela histeria, na época do iluminismo científico, não fazem senão juntar-se ao romantismo que colocava a mulher como objeto de fascinação e

interrogação. Freud após um encontro com Charcot, apresentou uma mudança determinante na vida e na obra, passando a histeria a ocupar um lugar central na obra freudiana.

Freud em sua abordagem da histeria se remete constantemente à arte e, em *Totem e Tabu* (1913/1996), associa a neurose obsessiva a uma religião distorcida, a paranóia a um sistema filosófico e a histeria a uma obra de arte distorcida.

Na vertente dita científica, foi Freud um dos primeiros a perceber, ou melhor, a escutar a crise ainda sem nome que suas pacientes vinham atravessando. Que tenha adotado para isto o nome de histeria, apoiado nas evidências de uma sintomatologia já classificada pelo discurso psiquiátrico, não significa que não tenha sido capaz de ouvir tantas outras coisas, que a psiquiatria, até mesmo na voz de seu mestre Charcot, raramente mencionada.

Freud baseado na observação clínica desenvolvia suas teorias sobre feminilidade e sexualidade feminina, porém não reformulou fundamentalmente sua concepção sobre o que deveria ser uma mulher. O que a psicanálise evidencia é que o surgimento do feminismo na espessura do tecido social das sociedades modernas não representou uma verdadeira modificação subjetiva da mulher.

O mal-estar do feminino na cultura torna-se objeto de interrogação da obra freudiana. A mulher se torna frígida porque toda sua educação se faz no sentido de não despertar nela nenhuma excitação sexual: exige-se dela ações específicas permanentes para provocar o indivíduo masculino à ação específica.

Segundo Freud (1908/1996) a educação que se encarrega da repressão sexual às mulheres antes do matrimônio não só as preparam para o casamento – inibindo-as sexualmente, mas as torna frígidas. A inibição sexual na mulher torna-se extensiva à sua capacidade de saber, pensar, sublimar, ficando condenada à neurose como única saída face aos limites que lhe são impostos.

A histeria é a salvação das mulheres, justamente porque é a expressão (possível) da experiência das mulheres num período em que os ideais tradicionais de feminilidade (ideais produzidos a partir das necessidades da nova ordem familiar burguesa) entraram em profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas mulheres enquanto sujeitos. (KEHL, 2008).

Neri (2005, p. 107) diz: “que o discurso psicanalítico acaba por privilegiar a dimensão patológica da histeria: a crise histórica como sintoma da neurose, a histórica como vítima da cultura, a histeria como expressão da reivindicação fálica da mulher”. Kehl citada por Neri (2005) aponta a histeria como sintoma e solução de compromisso do feminino ante o seu mal-estar cultural, enquanto Klein (1995, p. 225) diz: “Crise vivida pelas mulheres, entre os

anseios de tornarem-se sujeitos de um discurso e seu lugar preestabelecido como objetos do discurso formado pelos ideais de feminilidade de seu tempo”.

Atualmente, o feminino espontâneo da histeria se manifestaria, menos sob a forma de uma crise histérica clássica e mais por um orgasmo que não ocorre, por uma sedução que não se compromete, maneira da histérica de se negar a ser reduzida a objeto sexual do homem.

Neri (2005) comenta que há um deslocamento da posição de vítima para a posição de rebeldia pertinente, mas esse feminismo espontâneo é visto como um protesto estéril, que não promove alternativa, não inaugura saída.

Freud parece ter recusado as evidências de que nenhuma mulher é capaz de encarnar “A Mulher”. Seus textos do final da vida oscilam entre a decepção – a psicanálise seria incapaz de curar as mulheres, desajustadas dos ideais de feminilidade? – e a perplexidade – afinal ninguém pode saber o que quer uma mulher.

2 – FEMININO E PSICANÁLISE

Tomei a teoria psicanalítica como fundamentação teórica para a compreensão do assujeitamento da mulher à violência conjugal, buscando no psiquismo feminino a explicação para o fenômeno. Ela foi convocada para explicar a permanência – numa forma consoante com o discurso dos nossos tempos – do investimento feminino do amor.

Freud, no entanto, tinha a ambição neste aspecto de ganhar terreno sobre o poeta e o artista. Quando escrevia em sua primeira *Contribuição à psicologia do amor* (1910/1996) ele revelou que ficava a cargo dos poetas o cuidado de descrever as condições determinantes do amor segundo as quais os homens fazem suas escolhas de objeto e a maneira pela qual eles combinam as exigências de suas fantasias com a realidade.

Embora a cultura igualitária avance resoluta e irreversivelmente no mundo, ela não tornou similares as exigências amorosas dos dois sexos. Todas as conquistas dos movimentos de emancipação feminina não fizeram desaparecer a forma privilegiada com a qual as mulheres reivindicavam cada vez mais os mesmos papéis e atividades do que os homens.

O que a psicanálise evidencia é que o surgimento do feminismo na espessura do tecido social das sociedades modernas não representou uma verdadeira modificação subjetiva da mulher.

A primeira forma de amor na mulher identificada por Freud é o amor da histérica pelo pai. Esta é a verdade que Freud descobre no cerne da estrutura psíquica de Anna O. a primeira histérica na história da psicanálise.

Anna O. apresenta-se dramaticamente dividida em duas, uma não conhecendo a outra: uma era triste e angustiada, mas normal, porque orientada no tempo e no espaço, a outra era sonâmbula, alucinada e desorientada no tempo e no espaço, vivendo a hora na qual havia ficado fixada: o momento traumático do declínio do pai, no inverno precedente.

Breuer e Freud reconheceram que nos sintomas da jovem a existência de um sentido psíquico: havia adoecido da doença mortal de seu pai, por amor a este. (ZALCBERG, 2007). É importante ressaltar que mesmo que a histeria não se apresente de forma tão notável nos dias atuais não quer dizer que a relevância da potência do pai para a filha e o amor que esta a ele devota, não estejam presentes nessa estrutura neurótica ainda na atualidade. Significa apenas que os sintomas mudam conforme a época e que as manifestações históricas ajustam-se à modernidade.

O amor da histérica pelo pai articulando com as dimensões do desejo e do gozo são os grandes segredos revelados e encobertos pela histérica. Nos dias atuais é particularmente evidenciado um declínio do viril e, portanto, da figura do pai.

Anna O. Conduziu Breuer e Freud a compreender que o aspecto consciente não constitui o todo do psiquismo: há um aspecto inconsciente, por algum motivo recalcado, fundamento da neurose. Duas questões, a da feminilidade e a do inconsciente entrelaçam-se, assim, na criação da psicanálise constituem as duas principais vias pelas quais se revela a clivagem entre os conteúdos os quais o sujeito pode ter acesso e aos quais não pode ter acesso. Essa descoberta elucida a perspectiva psicanalítica que a sexualidade não está lá onde acreditamos apenas no espaço do enlaçamento amoroso, mas de fato, que a sexualidade transcende a relação sexual, alojando-se no campo do sintoma.

Freud (1910/1996) adverte sobre os impasses da vida amorosa: amamos para não adoecer, porém adoecemos quando amamos. Para a escritora Rosa Montero (2008) em *Histórias de Mulheres*, a paixão amorosa talvez seja o exercício criativo mais comum da Terra (quase todos nós inventamos algum dia um amor) e porque é a nossa via mais habitual de conexão com a loucura. Em geral os seres humanos não se permitem outros delírios, mas aceitam o amoroso.

Freud inicialmente distingue os sexos aliando feminilidade com passividade e masculinidade com atividade. Logo ele descobre que há atividade para todo sujeito, isto é, para os dois sexos, o que o faz postular a existência de uma só libido tanto para os homens como para as mulheres, no entanto, ele defende que a libido é viril.

Impressionado pelo relato de suas próprias pacientes histéricas em que a figura do pai mostra-se preponderante, Freud inicialmente acreditava ser um trauma (pelo pai ou um substituto deste). Mas esta perspectiva mostra-se logo insustentável e ele formula um conceito novo, o da fantasia. Dar-se conta de que a cena de sedução era uma fantasia e não um dado da realidade, comportando uma estrutura de desejo.

A associação entre fantasias de desejo na menina em relação ao pai articula-se logo em seguida à descoberta freudiana, para grande escândalo na época, da existência da sexualidade infantil.

Freud não cessou de questionar a importância do amor para uma mulher. Ao fazer da dimensão do amor uma questão muito mais feminina do que masculina, ele a torna um dos principais eixos em torno dos quais desenvolve sua teoria da sexualidade feminina.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) Freud enuncia um conjunto de proposições chocantes para a época: ao formular a existência da sexualidade infantil, afirma que a criança é uma perversa polimorfa que faz uma utilização sexual de qualquer parte de seu corpo; a finalidade da sexualidade não é a procriação, a sexualidade humana não está a serviço da natureza e sim do prazer. Nada na sexualidade está garantido, a pulsão sexual pode investir-nos mais diferentes objetos que lhe causem prazer, ela é variável, múltipla, dissociada da genitalidade e da reprodução da espécie.

Desde o início das análises da histeria podemos verificar, com Freud, que o fracasso da repressão e sua relação com o gozo para o qual a pulsão aponta é a condição prévia da formação de sintomas no horizonte do Pai.

Freud (1919/1996) ao analisar casos de mulheres que se excitavam diante da fantasia de que “uma criança estava sendo espancada” encontrou importantes dados sobre o masoquismo. Foi constatado que estas mulheres invariavelmente tinham na figura paterna o agente punitivo, pois a fantasia atinge de forma masturbatória, um gozo sexual, uma vez que “[...] não é apenas a punição pela relação genital proibida, mas um substituto regressivo desta, em cuja fonte ele colhe as excitações libidinais. Esta é precisamente a essência do masoquismo” (FREUD, 1919/1996, p. 237).

Para Freud, o amor representa um papel de primeira grandeza nas fantasias masoquistas manifestadas pelas mulheres em tratamento. As fantasias de desejo da filha em relação ao pai existem e constituem um fator importante na subjetividade da mesma. É porque ele é pai, que a filha o ama, mas, no fundo, é um homem como os outros. Qualquer homem que uma mulher ame em sua vida será um substituto do pai. (ZALCBERG, 2007).

O caso Dora é a primeira incursão freudiana na questão do desejo da filha dirigida ao pai. Nesta formulação, trata-se da forma como o pai considera a mulher em sua fantasia – questão de fundamental importância na constituição da feminilidade da filha. Um pai só tem direito ao respeito e também ao amor, se ele faz uma mulher à causa de seu desejo. (ZALCBERG, 2007).

Porém, Freud descobre que a mãe é o primeiro objeto de amor da menina e dá um sentido novo a todas as formulações anteriores feitas por Freud em relação à sexualidade feminina. Fica claro para ele, que a complexidade da constituição subjetiva da menina deve-se à particularidade da relação da menina com a mãe, até então não reconhecida. Justifica-se falar numa relação pré-edípica da menina com a mãe, de um teor e um de significado

inexistente no menino. Essa relação terá um enorme peso na dificuldade que a filha desenvolverá de se separar da mãe um dia e seguir seu próprio destino de mulher.

É o medo da castração supostamente a ser impetrado pelo pai que faz o menino renunciar ao amor devotado à mãe e, dessa forma, solucionar seu Édipo. Não é o mesmo o que ocorre na menina. Não é a ameaça da castração que leva a menina a resolver seu Édipo, castrada (imaginariamente) ela já é, segundo Freud.

Freud recebeu inúmeras críticas e com o desenvolvimento da psicanálise observou-se que a mulher não é a única marcada por uma falta, pois a falta faz parte da estrutura de todo sujeito de qualquer sexo. A diferença é que a falta não se inscreve da mesma forma em homens e mulheres.

A falta constitui o fundamento para qualquer elaboração a respeito da sexualidade da mulher, inclusive para a consideração do papel iminente que o amor ocupa no psiquismo feminino numa função de suplência.

Freud reconhecia que uma das dimensões da feminilidade é de produzir o falo através dos efeitos fascinatórios da beleza e da sedução. No entanto, a dimensão imaginária do eu na mulher, fica marcada pela impressão infantil desta ausência de um detalhe no corpo. A maneira como a menina dispõe dos ideais e organiza o conjunto das identificações que lhe facilitarão a “dissolução do complexo de Édipo” dizem muito sobre os destinos desta primeira impressão.

Em *Organização Genital Infantil* (1924b/1996), Freud diz que não só o psiquismo humano é sexual, como a sexualidade humana é toda ela permeada pelo psíquico. O sexo para os seres de linguagem será sempre o sexo pensado, representado, imaginado, organizado pela dimensão imaginária do falo e barrado, delimitado, pelo falo simbólico.

No texto *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924a/1996) e *Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica* (1925/1996), Freud volta a desenvolver o tema da descoberta da “realidade sexual das mulheres” pela criança que está vivendo a fase do primado do falo. O complexo de castração que se inaugura com esta descoberta, embora tenha ressonâncias diferentes para o homem e mulher, indica que a percepção de alguma coisa faltando no corpo da mulher fez a criança ressignificar as experiências de perda vividas até então (o útero materno, o seio, as fezes). Freud é explícito e claro: é porque a descoberta da falta no corpo feminino coincide com o primado do falo que ela faz ressignificar todas as perdas anteriores sob o signo da castração.

Freud inaugura assim um novo tempo em sua teoria da sexualidade, marcada pela grande descoberta: a de que o sexo não é um fenômeno natural e sim resultado de um processo de subjetivação.

A grande questão dos sexos, do ponto de vista psicanalítico é analisar a diferença de como cada um dos sexos é regido pela lei do falo. Lacan (1953/1987) em um de seus Seminários vai dizer que não há um conceito unívoco do que seja a mulher, que não há uma essência da feminilidade. A impossibilidade de definir um representante da mulher no inconsciente apresenta-se como uma questão complicada para ambos os sexos. A saída encontrada por Freud para incluir a mulher na lógica fálica é sustentar que a diferença entre homens e mulheres é que, neles, o falo revela-se pela vertente da “presença”, do manifesto e, por isso, pode-se dizer que os homens “têm” o falo; nelas, o falo apresenta-se pela vertente da “ausência”, do encoberto e nesse sentido, se diz que as mulheres “não têm” o falo.

Os homens se relacionam com as mulheres enquanto elas representam o “outro sexo” sobre o qual nada pode ser dito. As mulheres querem ter acesso a esse “outro” sexo (que elas representam), mas só podem ter acesso a ele pela mediação do homem.

2.1 – O medo de perder o amor é bem feminino

“Enquanto ela ama, que ela for amada e necessária ao amado, ela se sente totalmente justificada”. Simone de Beauvoir, 1949.

A grande questão freudiana torna-se saber o que leva a menina a se afastar da mãe, seu primeiro objeto de amor, uma vez que ela não é ameaçada pela castração que motiva o menino a se separar da mãe. O que ficará mais claro na evolução do pensamento psicanalítico é que na subjetividade feminina a falta de pênis é vivida como possibilidade de ser causa da falta de amor. Começa-se a vislumbrar a importância particular que o amor associado à problemática de uma falta no âmago do seu ser começa a ter para a menina desde a sua entrada no complexo de Édipo, fazendo, inclusive, parte da resolução do mesmo.

O Édipo, no menino, é dado por resolvido quando ele desiste da mãe e se identifica com o pai. Na menina, esta identificação é impossível. Freud (1895/1996) citando Napoleão disse: “anatomia é destino”. Ao constatar que seu pequeno pênis (o clitóris) nunca há de crescer, a menina vê fracassar sua ilusão de masculinidade e, com isto, seu amor pela mãe, que lhe parece inferior ao pai e aos homens em geral.

Diante da castração consumada, escreve Freud (1932/1996), a menina volta seu amor ao pai portador do órgão fálico, na esperança de algum dia vir a receber dele o que a mãe foi incapaz de lhe legar: um pênis (ou um falo?) ou um substituto à altura, na forma de um bebê. É a esperança da maternidade que lança a menina na segunda fase do Édipo, a do amor (passivo? Feminino?) pelo pai, que poderá conduzi-la à descoberta da vagina e de sua função sexual; ao mesmo tempo, inaugura-se aqui a série de empreendimentos através dos quais ela vai tentar se identificar com o único atributo que ainda lhe interessa da figura materna: a feminilidade.

Freud tinha suas razões para afirmar: para poder amar tem-se que ter sido amado, tem-se que ter escutado palavras de amor, tem-se que ter ocupado um lugar de amor para o Outro. Contudo, ocupar um lugar de amor por um Outro não é o mesmo que ser tomado como objeto de gozo.

Pelas várias facetas da presença primordial da mãe na vida da criança, a mãe aparece como figura das primeiras angústias, o lugar, ao mesmo tempo de uma obscura ameaça e de um insondável enigma.

O amor surge no período da espera de um bebê por objetos de satisfação (de fome e sede) que a mãe pode suprir para a demanda de objetos que mais de satisfação, significa uma demanda de amor. Não se trata da mãe satisfazer todas as demandas, o que é algo da ordem do impossível, mas sim de escutá-las e suportá-las como demandas de amor. Desde a separação do Outro materno, a mulher em especial, demanda amor para encobrir o seu vazio, para que o amor funcione como véu de sua falta. Não existe, portanto, amor que não tenha seu protótipo na infância em suas múltiplas variações sobre a face imaginária do amor. Freud (1924b/1996) formulou a idéia de que um narcisismo originário estaria na base de todo amor objetual.

Mesmo quando o amor se sustenta no outro, como um apoio, para a escolha do objeto, ele não é menos narcísico, uma vez que o que ele procura é o retorno do amor. O amor daquele que deseja ser amado é, essencialmente, uma tentativa de capturar o outro em si mesmo. (LACAN, 1953/1987).

A problemática fálica que marca todo ser humano desde que dirige sua demanda a um Outro que o precede em sua existência e o marca como *falta-a-ser*⁴ não pode ser evitada. O

⁴ O fato da mãe falar pela criança no início da vida faz com que todo um primeiro capítulo da sua história fique para sempre ignorado por ela. O ser humano nunca mais terá acesso a essa parte inicial da sua história é porque seu próprio começo está no Outro, não nele. Portanto, ficar para sempre separado de uma parte dele mesmo faz o sujeito sofrer de uma *falta-a-ser*. (Lacan, 1953/1987)

grande Outro introduz o sujeito de qualquer sexo a essa lógica ao nascer. Só que a vivência de completude que a identificação fálica proporciona para a criança, por mais satisfatória em termos amorosos que seja não pode perpetuar-se indefinidamente, sob risco de condenar a criança a uma total alienação ao desejo materno sem poder constituir seu desejo próprio que é o investimento da condição humana.

Uma mediação paterna é, portanto, imprescindível tanto para a criança como para a mãe. Para a criança, porque ela se vê então como possibilidade de ascender à condição de sujeito em vez de continuar sendo um objeto que satisfaça a mãe de modo fálico ou como objeto de gozo em sua fantasia e nada mais do que isto. Para a mãe, porque evita que, em sua condição de mulher, a ausência dessa mediação simbólica reguladora do homem provoque nela uma angústia cuja causa seria o sem-limite mortífero centrado na criança-objeto.

Graças à intermediação paterna, a criança se beneficia de uma “transmissão” de um desejo que não é anônimo, um desejo particularizado do lado da mãe e da encarnação da Lei no desejo do lado do pai. O pai é amado porque liberta a criança da captura no desejo materno ao satisfazer a mãe ele próprio. “A questão do amor é introduzida para cada sujeito pelo pai.” (ZALCBERG, 2007, p. 43).

A marca do pai se faz sentir na vida de meninos e meninas quando a intromissão do pai como o representante da Lei – à qual ele mesmo se submete – é produtiva na relação da criança com a mãe. Quando não o é, encontra-se a versão do pai que não transmite a Lei, mas que, pelo contrário, se confunde com ela, e isso, é incapaz de aportar alguma significação para a existência da criança. No caso da menina, ainda se deve dizer muita coisa sobre a necessidade que ela, enquanto mulher, poderá ter de um pai, como também sobre a desconfiança, a descrença, e até sobre o sentimento de estranheza que uma mulher pode experimentar em face dessa “potência” paterna.

Em *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924^a/1996), dentro da perspectiva de dissimetria entre o feminino e o masculino, Freud, articulando a fase fálica como complexo de Édipo e de castração, formula a diferença entre a configuração edípica da menina e do menino. A formulação da fase fálica articulada ao complexo de Édipo e de castração apresenta sem dúvida uma perspectiva da sexualidade distanciada de referências anatômicas, a identidade sexual não está estabelecida, mas é fruto de construção, resultado de um complexo trabalho psíquico, ao fim do qual se torna homem ou mulher, esse processo revelando as diferenças fundamentais da construção do feminino e do masculino.

A psicanálise dirá: que a solução da mãe à sua própria questão como mulher determina o lugar que ela reserva à criança, inclusive se a criança é desejada ou não. Lacan (1953/1987) define o amor revelando que: não existe maior dom possível, maior signo de amor, que o dom do que não se tem.

Freud (1931/1996) afirma que mulheres têm medo de perder o amor, pois na saída do Édipo, a menina tem dificuldade de superar a posição de satisfazer a mãe pela identificação ao objeto de seu desejo, o falo.

Da falta à definição que a caracteriza, a mulher deve fazer algo, inventar alguma coisa para ela, isto é, criar para si uma identidade feminina. Como o pai não faz dela uma mulher, a menina terá de se voltar para a mãe para constituir uma identidade feminina. Essa construção nunca tem a marca da universalidade, como no menino, mas tem uma marca de caso a caso, na singularidade, o que não torna a relação mãe-filha fácil em qualquer das etapas da vida.

Lacan citado Zalcberg (2007) menciona a *devastação* que é, para a maioria das mulheres, sua relação com a mãe, submetidas que elas acabam ficando ao desejo e gozo da mãe para os quais o pai não pode trazer limite suficientemente operatório no caso delas. Os dramas da individuação exigem da filha uma rejeição às vezes tão intensa da mãe e pela mãe, que no rancor do objeto amado uma mulher está imediatamente em país irreconhecível e intolerável. (ZALCBERG, 2007)

O amor do pai, de um lado e a mágoa da mãe, do outro, se mantêm como paixão estranha na existência da mulher.

Na resolução do Complexo de Édipo, a menina opta em aceitar sua falta em vez de renegá-la. A atitude decidida das mulheres frente à sua falta acaba se revelando um grande propulsor das relações que elas estabelecem com os homens no desenvolvimento e exercício de sua feminilidade.

O amor e o desejo voltados inicialmente para a mãe são transferidos com a mesma intensidade para o pai com todas as conseqüências implicadas nessa transferência. Para ascender à feminilidade, é preciso passar não somente da mãe *para* o pai, mas *pelo* pai.

A noção freudiana de falo no significante é redimensionada, transformando-a em significante da metáfora paterna que, desde o início, ordenaria a subjetividade bem como a diferença sexual. Ele revela que o feminino por não ter o pênis é o falo. Se no nível simbólico os homens tendem a ter o falo e as mulheres a sê-lo, esta repartição desaparece no nível do imaginário pela intervenção de um parecer: homem e mulher desempenham o papel de parecer deter o falo – para protegê-lo quando o tem, para ocultar sua falta quando não o tem.

Quando a mulher se separa do pai depois de ter-se separado (pelo menos de forma satisfatória) da mãe é questão de um luto a fazer: o luto do falo. Ela deve renunciar ao falo. Ao renunciar a procura direta ao falo, concorda em obtê-lo pela mediação de um parceiro, aquele que supostamente teria o falo, o pênis simbolizado, a mulher procura ser eleita por um homem. Uma das soluções encontradas pela mulher para sua condição feminina: ser amada.

A mulher define sua feminilidade através de uma parceria com um homem. O ponto importante é que o amor a identifica como mulher. Dá para compreender o medo da mulher de perder o amor, principalmente se considerarmos o fato de o amor ser tão aleatório em suas múltiplas variações: amor sim, amor não, amor guardado, amor satisfeito. Em dois versos conhecidos, o poeta Luís de Camões⁵ define o amor: “Um não sei o quê/ Que nasce não sei de onde,/ Vem não sei como, E dói não sei por quê?”

A mulher implicada na parceria amorosa ocupa o lugar de complemento do desejo masculino, aspecto que para Lacan (1963/1979) tem um importante papel na resolução da problemática da identidade feminina.

Homens e mulheres se relacionam com o falo, e não com a diferença sexual. Não se oferece para o feminino uma outra posição que não seja a de preencher a estrutura fetichista do desejo masculino. Resta para a mulher somente a alternativa de se identificar precariamente com o falo, ou seja, na mascarada, ser um falso falo misterioso de uma feminilidade inexistente de modo a se manter como objeto fálico da fantasia masculina. Essa identificação a um falso semblante é arriscada: tomando esse caminho, a mulher só pode manter tal imagem conservando-se sempre a distância, separada da máscara que ela produz sobre a cena do mundo, e isso sem que nada do outro simbólico lhe dê apoio para se sustentar. (NERI, 2005).

Para um homem não basta, portanto ser um, ele deve “provar” que é homem. Uma mulher se aproxima ou se deixa aproximar de um homem através da forma pela qual subjetivou seu sexo sob o modo do “eu não tenho (o falo)” numa característica posição feminina.

O seu “não ter” faz ter uma reação oposta a dele: ela quer é mais se esconder, camuflar sua falta. *Parecer* não ter falta. Lacan (1953/1987) chama de mascarada o conjunto de recursos aos quais a mulher recorre para dissimular de maneira enganosa, sua falta.

⁵ CAMÕES, L. V. *Vida e Poesia*. Disponível em: <http://www.vidaem poesia.com.br/camoes.htm>.

Freud (1931/1996) em seu último texto dedicado a sexuação das mulheres reafirma a dificuldade de definir masculino e feminino e, sobretudo, em considerar que homens e mulheres seriam “naturalmente” estruturados como masculinos e femininos. A subjetivação do sexo de cada um se articula com a constituição do inconsciente e não se realiza sem percalços. Assim, não há quase nenhuma mulher que não se preocupe, pelo menos episodicamente, com sua verdadeira feminilidade, e nenhum homem que não se inquiete, em algum momento, com sua virilidade.

A grande questão dos sexos do ponto de vista psicanalítico é analisar a diferença de como cada um dos sexos é regido pela lei do falo. Introduzir o falo enquanto símbolo mais do que uma imagem ou presença real permite a Freud indicar que as relações dos sexos com o falo são capazes de gerar, no homem, a angústia de sua perda e, na mulher, as reivindicações de sua presença.

O pai não fornece uma identificação feminina para a menina, como dá uma identificação masculina para o menino. É do que resulta a dificuldade identificatória no caso da mulher e a necessidade de ela ter de inventar recursos para lidar com esta sua questão.

Em nossos dias, a oposição entre o ter e o ser fálico, longe de reduzir-se a uma tensão entre mãe e mulher, toma principalmente a forma de uma tensão entre os êxitos profissionais e o que se chama de vida afetiva, isto é, entre trabalho e amor. É verdade que uma mulher espera muitas vezes confortar sua feminilidade na maternidade.

Seguindo o curso do pensamento de Lacan (1963/1979), constata-se que são três as fórmulas básicas de parcerias que uma mulher estabelece com um homem pelas quais visa obter uma definição de sua identidade feminina. Essas fórmulas expressam as diferentes posições que a mulher adota na relação com o homem: ser-lhe o falo, ser-lhe o objeto-causa de desejo e ser-lhe o sintoma onde se fixa seu gozo. Nenhuma dessas fórmulas anula a precedente, pelo contrário, essas várias maneiras de a mulher encontrar uma solução para a *falta-a-ser*, numa relação com o homem, acabam se entrelaçando e se sobrepondo.

É na falta vivenciada pelo homem e para o qual a mulher se apresenta como suplência que ela encontra um lugar e uma consistência para o seu ser. É disto que a mulher tira o seu valor: de sua equivalência à falta fálica do sujeito desejante. (ZALCBERG, 2007). O encontro com o desejo de um homem faz dela uma mulher amada. O amor revela-se, o grande operador das trocas envolvidas na demanda ao Outro – Outro do amor.

Se, para uma mulher, falha esta prova essencial do desejo do Outro, se o desejo do homem não lhe rende homenagem, se lhe insinua que ela não tem, nem é o falo, um buraco se

abre sobre seus pés pelo qual escorregará facilmente para uma passagem ao ato ou ao desespero.

Tanto para o homem quanto para a mulher, o deciframento de imagens subjacentes, de articulações simbólicas, de relações lógicas, comanda as condições de seu amor. Se as mulheres queixam-se mais facilmente, é porque a confissão de suas fraquezas de ser, de sua tristeza, de sua dor, de seu desamparo, em suma, de tudo que pode diminuir sua combatividade, é mais compatível com as imagens conhecidas da feminilidade do que com os ideais de virilidade.

Por exemplo, a carência da mulher encarna para os homens a essência da feminilidade até o ponto de transformar-se, às vezes, na condição necessária para que um homem possa abordar uma mulher.

Não estamos longe da idéia freudiana da degradação da vida amorosa do homem. O que Freud designa como escolha sexual tipicamente masculina, dissociação entre a mulher amada, a Dama, e a mulher desejada, moralmente inferior e que tem como paradigma a figura da prostituta, pode contribuir para a compreensão dessa condição necessária na escolha amorosa de um homem. Degradar a mulher é dar o sentido da castração.

Em seu desejo de complementar o desejo do Outro, a mulher se submete às condições do amor do Outro. Está aí a famosa frase de Lacan, em que afirma que uma mulher é capaz de dar tudo ao homem, seu corpo, sua alma, seus bens. No fundo, o caráter condicional dos sacrifícios feitos pelas mulheres não deixa de soar como preço que elas se dispõem a pagar por um benefício bem preciso. O amor que a mulher chama em complemento da castração, para fundar seu ser, define o campo de seu assujeitamento ao Outro a determinar uma alienação que duplica a alienação própria do sujeito.

O amor vem suprir a falha de uma relação direta entre homens e mulheres. A relação entre homens e mulheres é sempre mediada: pela linguagem, pelo falo, pela fantasia, pelo gozo. Pelo sintoma, enfim. É a relação particular que cada um dos sexos mantém com essas variáveis que rege a impossibilidade de um acordo natural entre os sexos. Paradoxalmente, onde homens e mulheres deveriam encontrar-se é justamente onde se separam, destinados ao exílio em seu próprio gozo: na relação sexual. Zalcberg (2007, p. 180) diz que “a história sexual de um sujeito é a narrativa de seus encontros com o gozo através de algum tipo de encobrimento.”

A lenda de Eros e a ninfa Psiquê retrata o mencionado. Eros é o amor sexual, o amor físico, representado na Grécia por um deus jovem – que depois seria representado como o

menino que atira flechas, o cupido na tradição latina. Eros é um adolescente que está envolvido com a ninfa chamada Psiquê, o mesmo nome que se dá à alma. No mito, eles estão juntos num local escuro e Psiquê não pode vê-lo. Curiosa – a célebre curiosidade feminina – ela dá um jeito de enxergá-lo, mas Eros torna sempre a sumir. Essa relação entre amor e alma é representada na mitologia por meio dessa lenda em que eles se aproximam, mas de alguma forma não podem ficar juntos.

2.2 – O masoquismo em Lacan

O fenômeno do masoquismo adquire sentido, para Lacan (1953/1987), em sua questão com a articulação com a questão da pulsão de morte e com a noção de gozo que irá desenvolver ao longo de sua obra.

Desde seu *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996) Freud, indagando-se sobre a experiência da satisfação, postula que o primeiro objeto de satisfação (o objeto oral, o seio materno) do qual depende a sobrevivência do ser humano, é apenas uma imagem mnemônica. A condição humana é marcada estruturalmente por uma assimetria, que implica a constituição do sujeito como sujeito desejante.

Ao recusar qualquer ordem prévia, natural, a psicanálise postula a existência de um corpo submetido à ordem simbólica. A impossibilidade de completude, da presença de falhas, é mediada pela linguagem. Isso revela a impossibilidade de sustentar a idéia de que há uma posição de objeto capaz de obturar a falta no Outro, uma vez que entre o corpo pulsional e o objeto interpõe-se o desejo e suas fantasias, em torno do qual se articula a rede de significantes. É pela existência do vazio que surge a condição desejante, entendido como objeto absoluto.

É nesse sentido que o sujeito busca um objeto que supõe que irá lhe trazer satisfação, objeto este para sempre perdido e só recuperável em um campo alucinatorio. O objeto, para Freud (1924b/1996), não corresponde à satisfação da necessidade, mas sim, assume a estrutura de uma ficção. Essa ficção se constitui no ponto em que, no desvio da satisfação da necessidade em direção à realização do desejo o objeto não é complementar ao desejo. O objeto é sim suplementar ao vazio.

O desejo, em seu movimento incessante, se sustenta em um traçado pulsional e se delinea segundo Lacan (1966/1998), apenas sem sua forma lógica, articulado pelo *objeto a*.

A concepção desse *objeto a*, objeto causa de desejo, expressa um limite à causa pulsional e aponta para o vazio de uma satisfação para sempre perdida.

Para situar a noção de gozo em Lacan (1953/1987), é preciso retornar a distinção entre a satisfação da necessidade e a realização do desejo. O grito da criança é uma descarga à espera de sentido, que será traduzido como frio, fome, sede, etc. Tal apelo visa aplacar o estímulo endógeno, mediante uma ação específica. Contudo, é inevitável que se estabeleça, como foi visto, um campo alucinatório, ancorado na perda de um Outro primordial, perenizando a condição desejante. O gozo, excedente pulsional, que não se civiliza, é também perdido, e dele o sujeito só encontra simulacros, sob a formulação lógica do *objeto a* na fantasia.

As considerações são necessárias para que se possa compreender a articulação que Lacan (1962/2005) desenvolve em seu seminário *A angústia* sobre o fenômeno do masoquismo. O masoquista busca igualar-se ao objeto destacado da cadeia significante pretendendo dar consistência a um Outro completo, ao qual delega seu gozo. Essa é a busca que caracteriza o fazer-se objeto. Segundo Lacan (1963/1979, p. 119) “reconhecer-se como objeto do próprio desejo, no sentido como artigo, é sempre masoquista”.

Nesse ponto encontra-se ressonância com a concepção freudiana de que um resíduo da pulsão de morte permanece no interior do sujeito, tendo como objeto a si mesmo. A cena masoquista é a tentativa de realizar um enlace impossível entre o gozo e o corpo que padece do significante, tentando se fazer de *objeto a* no desejo do outro. O masoquista, assim, pretende realizar a conjunção impossível entre gozo e morte.

O masoquismo implica, então, fazer-se objeto. Para que possamos compreender melhor essa noção é necessário delinear a diferença entre o fazer-se objeto na fantasia e o fazer-se objeto no ato.

A repetição, em sua tentativa de encenar o mesmo, denuncia a presença de um traço, em absoluto unificante, que evoca o vazio e remete à estrutura lógica do ato de fundação do sujeito.

Ao postular que o sujeito se constitui em uma relação significante a outro significante, Lacan (1963/1979) aponta para um desamparo estrutural e, correlaciona essa estrutura ao ato. O ato se revela como uma experiência limite, correlata ao fazer-se objeto. O que deve ser ressaltado é que tanto o *acting-out* como a *passagem ao ato* são maneiras mediante as quais o sujeito se relaciona com o *objeto a*. Enquanto o *acting-out* convoca uma cena, com o sentido de uma mensagem enviada ao Outro, a *passagem ao ato* revela uma retirada da cena.

Já fazer-se objeto na fantasia, revela a tentativa imaginária de recusar a castração, e a condição limitada do desejo. A fantasia vai fornecer uma vestimenta ao *objeto a*, moldurando a falta e traçando um possível caminho para o desejo.

O fenômeno do masoquismo se equaciona no cerne da constituição do sujeito, como uma tentativa de se fazer objeto, com o intuito de responder ao impossível do Gozo do outro. Cabe ressaltar que o fenômeno do masoquismo, em sua condição constituinte e estruturante, refere-se a uma modalidade de relação que o sujeito irá estabelecer com o outro, uma vez que o masoquismo se inscreve no cerne da constituição do campo fantasístico no qual o sujeito irá operar suas relações.

É importante refletirmos acerca de que a mulher é vítima passiva por parte dos homens. O masoquismo revela sua condição de estrutura pelo fato de o sujeito ceder diante da antecedência do simbólico, algo bastante valioso se perde ao considerarmos o fenômeno da violência entre homens e mulheres sempre circunscritos a uma modalidade patológica perversa.

3- FEMININO E PSICANÁLISE

3.1 – Violência conjugal: uma construção social

O enigma das relações abusivas e o porquê as mulheres permanecem nelas começa com a longa jornada do aprender do que é ser mulher na nossa cultura, que ocorre com o processo de socialização⁶. A sociedade expõe homens e mulheres a diferentes expectativas como forma de aprendizagem e encoraja a agressividade masculina.

Azevedo e Guerra (2000) e Chauí (1984) afirmam que a violência é a imposição da força e a considera sob dois ângulos: a violência com a finalidade de dominação/exploração, superior/inferior, ou seja, como resultado de uma assimetria na relação hierárquica e o tratamento do ser humano não como sujeito, mas como coisa, caracterizado pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, quando a fala e atividade de outrem são anuladas. “Assim, tanto num caso quanto no outro, estamos diante de uma relação de poder, caracterizada num pólo pela dominação e no outro pela coisificação” (AZEVEDO; GUERRA, 2000, p. 46).

Segundo Romanelli (1997) a violência é uma questão de poder que está legitimada pela cultura, em que o mais forte se sente no direito de subjugar o mais fraco, como se fosse uma justiça natural.

As mulheres tiveram conquistas ao longo dos tempos, por exemplo, o tabu da virgindade desaparece gradualmente, filhos e filhas são planejados, mas essas conquistas advêm do que se chama de revolução sexual feminina, a pílula anticoncepcional, trazendo liberdade de tomar iniciativas nas relações eróticas, pois antes podiam apenas insinuar-se.

A partir da década de 1970 o movimento feminista começou a garantir a visibilidade da violência contra a mulher, ressaltando a ampla proporção do fenômeno, associando-o aos valores culturais que desprestigiam e submetem as mulheres. Neste período só se reconhecia violência contra a mulher se fosse física, ignorando no âmbito doméstico as demais violências por elas sofridas, como abuso sexual, violência psíquica, prostituição infantil, dentre outras, que só foram inseridas e reconhecidas a partir dos anos 1990. As feministas buscavam clarificar as opressões que as mulheres estavam submetidas, bem como reivindicavam a ampliação dos direitos, incluindo as ações protetivas do Estado.

⁶ Socialização é um processo em que o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade.

A violência conjugal, conforme a perspectiva feminista, não é mais que uma faceta de um problema social mais grave, que é a violência dos homens contra as mulheres e a subalternidade em que a divisão social do trabalho as tem colocado. Atualmente as mulheres e homens lutam com maior equidade para conseguir êxitos sociais. O modelo do homem patriarca, herói da família, mantenedor econômico, fiador da segurança da família, foi presa das transformações nas relações entre os gêneros.

As mulheres são educadas numa mescla de estrutura patriarcal de poder com capitalismo, passando a ser vistas como “mulheres menos inteligentes que homens, mais frágeis e excessivamente emocionais” (CUNHA, 2007).

Saffioti (2004, p. 35) diz que “as mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores”. No espaço subjetivo, vê-se uma série de variáveis que serão diferentes para o menino ou menina. Os sistemas de ideais não são um implante mecânico e direto da cultura, mas se constituem por meio de interseções sutis e complementares entre os saberes vigentes sobre a diferença sexual e outro como campo de intermediação.

3.2- Agressão, violência e abusos: definições

A violência conjugal é um tema freqüentemente analisado nos dias atuais em razão de contar com uma maior visibilidade, seja pela mídia, pelas campanhas governamentais e das organizações civis. Há uma preocupação social eminente, exigindo uma investigação mais aprofundada, que vise um equilíbrio das relações, busca da justiça e da paz.

De acordo com a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços públicos e privados”, Ventury (2004), que entrevistou 2.502 mulheres, distribuídas em uma amostra estratificada por cotas de idade e área urbana e rural de 24 Estados brasileiros, Cavalcanti (2004) revelou que perto de 6,8 milhões de mulheres já foram espancadas ao menos uma vez na vida (11%), sendo a projeção da taxa de espancamento anual de 2,1 milhões. Os resultados da referida pesquisa indicam que dentre as formas mais comuns de violência destacam-se os tapas e empurrões (20%); a violência psíquica como xingamentos e ofensas a conduta moral (18%).

Buscando ampliar a pesquisa, a Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC, em agosto de 2010, entrevistou 2.365 mulheres e 1.181 homens de 25 Estados brasileiros,

revelando que 6% dos homens entrevistados afirmaram que uns tapas de vez em quando é necessário e que 2% acreditam que a mulher só toma jeito apanhando bastante. A pesquisa revelou ainda, que 40% das mulheres já sofreram alguma violência, sendo 39% casadas, 16% com escolaridade superior e 14% com uma renda financeira acima de 5 (cinco) salários mínimos.

No que tange o Direito, a violência é o constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém para obrigá-lo a submeter-se a vontade de outrem; coação. A diversidade e a complexidade da violência enquanto fenômeno contribui para uma ampla variedade de conceitos. Saffioti (2004, p.17) conceitua violência como “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, psíquica, sexual e moral”, enquanto Schaiber (2005, p.13) a define como “comportamentos que desconhecem e transgridem os direitos das pessoas, direito ao respeito e a dignidade que cada um tem homem e mulher”.

Costa (2000, p. 30) embasado na teoria psicanalítica, diz que a palavra violência “[...] é empregada em contextos que tornam sua compreensão problemática [...]”. Em alguns contextos ela é associada à agressividade instintiva do homem para matar ou fazer seus semelhantes sofrer. Em outros contextos, a violência está associada a uma forma de resolução de conflitos, ou seja: “[...] não existe um instinto de violência, o que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e com a possibilidade do homem empregar a violência.” (COSTA, 2000, p. 35).

Inúmeros profissionais (médicos, delegados, policiais etc.) utilizam a palavra agressão para se referir a intenções hostis. Alguns teóricos consideraram a agressão como vitalidade e energia e usam diferentes palavras para descrever as aplicações da agressão de maneira construtiva ou destrutiva.

A agressão pode ser aplicada a uma resposta específica como matar, pode ser usada para se referir a estados emocionais como raiva e ódio; pode ser concebida como um traço de personalidade, um hábito aprendido, um processo biológico subjacente, etc. Percebe-se, portanto, que o conceito agressão é multifacetado, provindo de muitos campos, como a Biologia, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e as Ciências Políticas. Além de tudo, existe a definição usual do dicionário – agressão: ação ou efeito de agredir; pancada, bordoadada, ataque, provocação (FERREIRA, 1986).

Segundo Freud (1915/1996) amor e ódio, se apresentam como opostos completos em seu conteúdo, não mantêm entre si uma relação simples. Não surgiram da cisão de uma

entidade originalmente comum, mas brotaram de fontes diferentes, tendo cada um deles se desenvolvido antes que a influência da relação prazer-desprazer os transformasse em opostos.

O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos instintivos pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista, passando posteriormente para objetos do mundo externo, acompanhados de esforços motores do ego com o fim de aproximarem-se destes objetos. Está, pois, estritamente ligado aos instintos sexuais.

O ódio, enquanto realização com objetos é mais antigo que o amor. Porém, do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. O ódio não tem conexão com o prazer sexual. O ego odeia, abomina e persegue com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele. O verdadeiro protótipo da relação de ódio está na luta do ego para preservar-se e manter-se, ou seja, ligado ao instinto de autopreservação.

Para Costa (2000), existem muitos equívocos a respeito da diferença entre agressividade e violência, sendo um tomado pelo outro, como também é equivocada a idéia de que violência decorre imediatamente da agressividade.

Costa (2000, p. 39) condiciona que o caráter da violência é a representação que a vítima faz da força coercitiva que o atinge. “É porque o sujeito violentado percebe no sujeito violentador o desejo de destruição (desejo de morte, desejo de fazer sofrer) que a ação agressiva ganha o significado de ação violenta”. Para o objeto em estudo, um dos objetivos é compreender a representação da violência, posto que tenha o objetivo de tentar desvelar o aspecto subjetivo dessa questão.

A definição de violência de forma geral envolve o uso da força física ou ações brutais impostas sem consentimento. Um dos modos de violência que tem sido evidenciado ultimamente na mídia, é o assédio moral, modelo de violência invisível.

A problemática da violência se inscreveu no discurso freudiano em 1913, em *Totem e Tabu*, quando formulou que o assassinato do pai da horda primitiva seria fundante da sociedade propriamente dita. Foi enunciado, então como outra violência foi capaz de impor um limite à violência absoluta da figura do pai primordial. Depreende-se disso então como outra violência foi capaz de impor um limite à violência real, produzindo, em contrapartida, não apenas um código ético centrado na culpa, mas também uma sociedade fraternal fundada no interdito da morte. Foi a violência simbólica, portanto, o que colocou um limite à pura força, sendo aquela ainda o corolário dos laços sociais estabelecidos pelos irmãos.

Freud reconheceu que a história humana seria marcada pela oposição entre paz e guerra, que, com variações, atravessam nossa história e a modulam. A violência simbólica fundaria efetivamente o sujeito, de tal forma tal que este não existiria rigorosamente falando sem violência, isto é, em estado puro. Isto porque, sem o trabalho de ligação da pulsão de morte pela pulsão de vida enquanto tal não seria possível.

3.3 – Formas de Abuso e Agressão

A violência contra a mulher não se constrói em episódios isolados ou discretos, mas sim pela vitimização contínua, com várias formas de abuso, que aumentam em frequência e intensidade. Segundo Walker *apud* Oliveira (2004) esse momento passa por três fases: 1) construção da tensão em que ocorrem pequenos incidentes (agressões verbais, ameaças e quebra de objetos); 2) agressões agudas com a tensão chegando ao seu ponto máximo, havendo descontrole e; 3) o agressor mostra remorso, prometendo que não vai agredi-la, acreditando que ele controlará sua agressividade. E novamente, o ciclo volta a se repetir.

Na violência física uma pessoa alcança a *assujeição* do outro pelo uso da força física. Este tipo de violência toma forma quando o homem esbofeteia, belisca, morde, empurra, sufoca, espanca, maltrata e, até mesmo, mata a mulher.

Além do uso da força e dos danos físicos que constituem a forma mais visível de violência, existe também a violência emocional, que causa danos morais e psicológicos. O abuso emocional assume formas diferentes no caminho para o objetivo do poder e todos eles destroem aos poucos o respeito próprio e a autoestima da mulher. Miller (1999, p. 40) afirma: “[...] o ferimento do espancamento emocional é tão profundo, a angústia tão intensa, a recuperação tão inatingível [...] a mulher perde a si mesma.”

A violência psicológica apresenta-se quando o homem critica, calunia e ofende a conduta moral da parceira, insultando-a constantemente, humilha-a, desvaloriza seu trabalho, faz viver com sentimento de culpa e de inferioridade, ameaça-a de morte ou de tomar-lhe os filhos ou as filhas.

Para manter a mulher vítima nesse estado, o agressor pode usar palavras, gritos, simples olhares e expressões faciais, mostrar ou mexer em objetos (carregar o revólver, afiar uma faca, etc.) perseguir a mulher na rua ou no emprego, atribuir-lhe amantes, fazer comparações entre ela e outras pessoas, de modo a desvalorizá-la, fazer referência negativa a seu aspecto físico e a tudo quanto ela faça ou diga.

Este tipo de violência não acontece apenas no ambiente doméstico, pois ela tem uma continuidade no tempo, pois as cicatrizes deixadas, muitas vezes não são identificadas pela vítima, na medida em que não deixa marcas visíveis no corpo.

Outro tipo de violência é a sexual, em que o ato sexual é visto como um dever conjugal, já que a mulher tem a obrigação de ter relações sexuais com o companheiro quando por ele solicitado, o que faz com que ele a induza ao sexo independentemente de sua vontade, caracterizando uma opressão de gênero, oriunda do poder patriarcal em que a mulher é tratada como objeto (SAFFIOTI, 2004; OLIVEIRA, 2004).

O silêncio em torno desse tipo de violência é resultado de um poderoso coquetel cultural, que coloca a mulher em situação inferior à do homem e, no caso da relação conjugal, mais do que isso. Na cultura patriarcal, o marido acha que tem plenos poderes sobre a mulher. Essa situação banaliza a violência como algo que "faz parte" da vida de qualquer casal. A banalização da violência conjugal é o pano de fundo que explica a maneira pela qual a sociedade lida com (ou ignora) o problema. É o clássico "em briga de marido e mulher não se mete a colher".

Esse tipo de pensamento favorece a violência sexual no casamento como algo "prescrito" e conseqüentemente "esperado", o que configura o uso legítimo da autoridade marital. Outro aspecto que se deve destacar é o mito de que o desejo sexual masculino é uma necessidade "natural" e, portanto, inevitável. Nesse entendimento a idéia de que os homens têm um impulso sexual insaciável e maior torna-se argumento usado para legitimar a violência sexual contra a mulher e também como justificativa para não responsabilizar o homem por tal ato.

Ao contrário do que se imagina, muitas mulheres que desfrutam de condições econômicas relativamente seguras não estão livres de vivenciar situações de violência. Em muitos casos, a garantia de seus rendimentos, de sua situação social e do direito sobre a guarda dos filhos depende da coabitação com seus próprios agressores.

A psicanalista francesa Marie-France Hirigoyen no livro *A Violência no Casal* (2005) faz uma análise extremamente feliz desse enredo, revelando que de maneira geral, é difícil pensar a violência, o que explica por que temos dificuldade em percebê-la. Não queremos vê-la em nós, mesmo que a aceitação de nossa ambivalência nos permitisse lutar melhor contra ela.

Porém, a atitude de "vítima" assumida muitas vezes pelas mulheres deixa elementos para refletirmos acerca da vitimização (in)desejada. Isto é, sobre atitudes que colaboram para

reproduzir a situação de violência e, por que não dizer, tirar alguns “proveitos” da sua condição de vítima. A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas.

Maria Rita Kehl (2008, p. 11) defende a teoria do ressentimento, conceituando-a como “atribuir a um outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a acontecer.” Diz ainda:

Uma das condições centrais do ressentimento é que o sujeito estabelece uma relação de dependência infantil com um outro, supostamente poderoso, a quem caberia protegê-la, premiar seus esforços, reconhecer seu valor. O ressentimento expressa também a recusa do sujeito em sair da dependência: ela prefere ser ‘protegida’ – ainda que prejudicada – a ser livre mas desamparada (KEHL, 2008, p. 14).

Dentro desta perspectiva, cabem indagações acerca dos prováveis ganhos secundários na relação conjugal violenta, em que seu assujeitamento estaria ligada a uma fundamentação masoquista. Entende-se masoquismo como uma dinâmica psíquica, em que o sofrimento e o desprazer deixam de ser uma advertência para se constituir no objetivo. (FREUD, 1924c/1996).

Freud (1918/1996) relacionou o estado de sujeição em que viviam as mulheres de seu tempo ao defloramento e o direito de posse exclusiva que este conferia ao homem. Ele ainda recorreu à idéia de Krafft-Ebing para trabalhar a sujeição sexual, que segundo este autor é o fenômeno pelo qual uma pessoa adquire um alto grau de dependência e carência de autoconfiança em relação à outra pessoa com quem mantém um relacionamento sexual. (Krafft – Ebing 1886⁷ citado por Freud 1918). Esta sujeição parece ser tão avassaladora que pode implicar na completa anulação de si mesma, na renúncia de qualquer independência e até no prejuízo de seus próprios interesses. Segundo o autor, isto decorre da associação da condição exacerbada de estar amando, da fraqueza de caráter de uma pessoa e do egoísmo sem limites de outra.

Freud (1921/1996) descreve no estado de estar amando a supervalorização que é dispensada ao objeto, quando este se torna livre de críticas e condensa em si todos os aspectos

⁷ Psiquiatra alemão que introduziu em suas obras os conceitos de sadismo, masoquismo no estudo do comportamento sexual.

positivos atribuídos a uma pessoa. Quando a supervalorização e o estado de estar amando se intensificam ainda mais, torna-se explícita a idealização. O ego torna-se mais despretencioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter toda a posse do amor próprio do ego, cujo autosacrifício decorre como consequência natural. Neste caso, tudo que o objeto faz e pede é correto, pois a consciência não se aplica a nada que seja feito por amor ao objeto.

Freud (1924c/1996, p. 160), define o masoquismo como: “a designação que abarca todas as atitudes passivas em relação à vida e aos objetos sexuais, a mais extrema das quais é o padecimento de uma dor física ou anímica, infligida pelo objeto sexual”.

Este afirma ainda, que o instinto de agressividade é a porção da pulsão de morte que foi desviada para o mundo externo, este seria na verdade o próprio sadismo. No primeiro dos *Três Ensaio*s, dedicados às aberrações sexuais, o masoquismo é coapresentado como o reverso do sadismo (FREUD, 1905/1996, p. 161): “O sadismo e o masoquismo continuam a ocupar um lugar especial entre as perversões, uma vez que o contraste entre a atividade e a passividade, que neles é subjacente, situa-se entre as características universais da vida sexual.”

Freud (1924b/1996) aponta este fato como uma consequência da ação da libido, cuja função é de tornar inócuo o instinto destruidor, e o faz desviando-o em grande parte para fora, e de preferência em objetos do mundo externo, onde possa manifestar sua característica destrutiva, dominar e exercer poder. Contudo, uma porção não partilha dessa transposição para fora permanecendo dentro do organismo, tratando-se do masoquismo original, erógeno.

Em 1915, no texto *Os instintos e suas vicissitudes*, o masoquismo é descrito em relação à inversão pulsional: o sadismo, considerado primeiro no par de opostos formado com o masoquismo, consiste na agressividade exercida “contra outra pessoa tomada como objeto”; este objeto é abandonado e “substituído pela própria pessoa”, o que transforma a meta pulsional ativa em meta passiva. Segundo Freud (1915/1996, p. 148):

O retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é na realidade o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica, realmente, não nos deixa duvidar de que o masoquista partilha da função de (a visão de) sua exibição. A essência deste processo é, assim, a mudança de objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem.

O masoquismo contraria o princípio econômico de funcionamento mental, o qual pela busca do prazer e a evitação do desprazer, tenta conservar a quantidade de energia constante ou mantê-la tão baixa quanto possível. No caso do masoquismo, o sofrimento e o desprazer deixam de ser advertência para se constituir num objetivo.

Aprofundando a questão do masoquismo, Freud (1924c/1996) identificou além do masoquismo erógeno, o feminino e o moral. O que os diferencia é que enquanto o masoquismo erógeno é uma condição imposta à excitação sexual, o masoquismo feminino é uma condição do ser mulher, e o masoquismo moral está ligado a uma norma de comportamento.

O masoquismo feminino é o mais acessível e o menos problemático, sendo verificado em homens que, em sua sintomatologia, reproduzem situações culturais tipicamente femininas. Em ambos os casos, o desempenho de cada um representa a execução de suas fantasias de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, forçado a obediência incondicional. Estas fantasias masoquistas colocam o indivíduo em uma situação caracteristicamente feminina: significam ser castrados, copulado, ou dar a luz um bebê. Acrescente-se ainda que nesta forma, o indivíduo também deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, ou mais especificamente como uma criança travessa. (FREUD, 1924b/1996).

Tanto o masoquismo erógeno quanto o feminino possuem relação com a pessoa amada e são tolerados por ordem da pessoa. Freud (1924b/1996, p. 200) diz “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha a oportunidade de receber um golpe”. O mecanismo psicológico subjacente a isto está em um sentimento inconsciente de culpa que acarretaria uma necessidade de punição. A satisfação dessa necessidade explicaria o fato do indivíduo fazer do sofrimento e do desprazer, um objetivo.

Freud (1924b/1996) afirma que a volta do sadismo contra o eu ocorre onde a supressão cultural das pulsões impede que grande parte dos componentes instintuais seja exercida na vida. A destrutividade que retorna do mundo externo é assumida pelo superego e aumenta seu sadismo contra o ego. O sadismo do superego e o masoquismo moral é uma prova clássica da fusão do instinto e se origina da pulsão de morte.

Para Klein (1949/1995) o masoquismo feminino não é visto como constitucional ou inerente as mulheres, mas como consequência da prevalência da representação interna do pênis “mau”, que se instaura como uma reação aos impulsos destrutivos que a mulher dirigiu contra aquele órgão, mesclados aos impulsos libidinais. Com isso, ao buscar parceiros sádicos

para suas relações sexuais, o objetivo é usá-los para perseguir internamente os pais sadicamente introjetados na primeira infância.

No processo evolutivo da mulher, a atividade torna-se passividade, e a agressividade é abandonada pelo prazer de ser amada. A saída encontrada pelos impulsos agressivos está em mesclar o estado passivo de ser amada de um caráter tipicamente masoquista, o qual aparece em fantasias que expressam o desejo de “ser batida” apesar de que as mulheres que assim agem não admitem sentir nenhuma sensação de prazer quando apanham. O desejo masoquista é satisfeito indiretamente, por um desvio, isto é, pela escolha de um objeto amoroso sádico e a indulgência à sua perversão, enquanto que a satisfação direta é recusada.

Culturalmente uma das funções da mulher é a de ter certo masoquismo para se adaptar à realidade, que lhe exige uma quota de sofrimento. Freud (1924c/1996) reforça que o masoquismo feminino está agregado às características femininas quando diz em *O problema econômico do masoquismo*: “o masoquismo apresenta-se à nossa observação sob três formas: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento”.

Em 1932, na conferência intitulada *Feminilidade*, Freud (1932/1996, p. 144) reafirma a vinculação entre feminilidade e masoquismo dizendo:

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas é verdadeiramente feminino. Mas, como acontece tantas vezes, se os senhores encontram masoquismo em homens, que lhes resta senão dizer que tais homens mostram traços femininos evidentes.

Toda a preparação de reprodução está ligada a idéias masoquistas. Além disso, os perigos reais inerentes para a mulher a serviço da espécie obrigam-na a assimilar seu masoquismo, onde todas as fantasias conscientes e inconscientes do parto, em todas as idades, têm um aspecto doloroso e perigoso.

4 – O MÉTODO

A história individual de cada sujeito não é mais do que a repetição da história da própria humanidade. Freud (1953/1996).

Esse trabalho investigou o motivo que sustenta uma mulher de classe média alta ao assujeitamento à violência conjugal. O assujeitamento aqui inferido não se refere às questões econômicas que é utilizado por muitos autores para justificar a aceitação da violência, mas sim compreender o que dentro da dinâmica psíquica contribui para a manutenção deste “equilíbrio”.

O objetivo foi compreender a dinâmica psíquica de uma mulher de classe média alta em condições de independência financeira do cônjuge, com escolaridade em nível superior completo que se assujeita a uma relação conjugal violenta.

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, cujo eixo norteador foi a contribuição de Minayo (2008, p. 57) que define o método qualitativo como aquele “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, sentem e pensam”.

Este método, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.

A estratégia utilizada foi o Estudo de Caso, que segundo Yin (2005, p.15) é “a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

Minayo (2008, p. 164) contribuindo revela que “os estudos de caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão.”

As mulheres que utilizam a delegacia como recurso para denunciar a violência, em sua maioria são de uma classe econômica baixa, dependentes financeiramente do cônjuge, solicitando apenas que a lei maior impeça a continuidade da violência.

Segundo relatos dos profissionais da delegacia, o perfil que busquei pesquisar, faz pouco uso dos serviços policiais, talvez pelo status social que ocupa, que prima pela discrição dos seus atos e pela vergonha de não coibirem a violência.

Porém, a colaboradora desta pesquisa apresentou o inverso do perfil traçado acima, pois ela buscou inúmeras vezes (não especificou quantas) o auxílio da polícia como forma de coibir as atitudes do marido, revelando sentir-se envergonhada de ter que ir a delegacia, fazendo isso sempre nos primeiros horários da manhã.

A pesquisa foi realizada na cidade de Porto Velho-RO, utilizando o critério de inclusão, mulheres casadas ou que mantiveram por muitos anos a relação de assujeitamento, de classe média alta⁸, com pelo menos um curso de graduação concluído ou em fase de conclusão, independência financeira do cônjuge e que percebiam estar em uma situação de violência conjugal.

Durante a busca pela colaboradora da pesquisa, cheguei a conclusão após algumas visitas a Delegacia de Polícia da mulher localizada na avenida 7 de Setembro, Centro, em Porto Velho, que não a encontraria nesta instituição. As mulheres que utilizam a delegacia como recurso para impedir a violência, são na sua maioria de uma classe econômica baixa, dependentes financeiramente do cônjuge, solicitando apenas que a lei maior (Estado) impeça a continuidade da violência.

Tracei como estratégia para encontrar a colaboradora, a proposta de Meihy (1996, p. 53), que trabalha com o conceito de colônia como: “padrões gerais de uma determinada comunidade, traços preponderantes que ligam a trajetória das pessoas e define a formação de uma rede”. A rede como sendo uma subdivisão da colônia que visa estabelecer parâmetros para decidir quem deve ser entrevistado ou não.

Tal procedimento funcionou da seguinte maneira: a pesquisa foi explicada a algumas pessoas (ginecologista, técnicos da justiça, pesquisadores na área de violência, docentes, psicólogas) que trabalham ou prestam serviço às mulheres. Essas pessoas informaram às mulheres que se assujeitam à violência, que havia uma pesquisa sendo realizada e que a pesquisadora gostaria de conversar com elas, caso concordassem. Essa pessoa foi instruída também a informar que em tal conversa seria explicado o objetivo da pesquisa, seus procedimentos e o tempo de duração.

A colaboradora foi contactada por meio de uma colega psicóloga que explicou a pesquisa, convidando-a para participar. Após entender a pesquisa, a mesma forneceu seus

⁸ Tendo como base as informações da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a faixa salarial para a classe média é de R\$ 2.000 a 4.591 e a classe média alta é de R\$ 4.592 a 16.600. Importante ressaltar que a faixa salarial apresentada como referência, servirá apenas para delimitar o mínimo, pois caso encontre alguma mulher que receba acima do teto estabelecido ela também poderá ser entrevistada.

telefones para que fosse agendado um primeiro encontro. Durante o primeiro contato via telefone foram explicados os objetivos da pesquisa, os procedimentos éticos tomados para manter o anonimato.

É importante ressaltar que este primeiro contato funcionou conforme aquilo que amiúde se denomina de *rapport*, dentro do campo de trabalho psicólogo, ou seja, estabelecendo uma relação harmônica, de respeito e confiança mútuos entre a pesquisadora e a participante que colaborou com a pesquisa.

O termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) para ser assinado caso concordasse em participar e a solicitação de permissão para gravação da entrevista foi entregue no início do primeiro encontro, explicando que se porventura sentisse incômodo em algum ponto, poderia pedir para sair da pesquisa ou se durante a gravação, desligar o aparelho ou omitir alguma fala. A mesma foi gravada e transcrita na íntegra.

As entrevistas tinham como objetivo inicialmente serem realizadas em intervalos de uma semana a quinze dias, porém ela aconteceu quando a colaboradora pode e em alguns momentos por e-mail.

Durante o primeiro encontro, os dados foram coletados através de uma entrevista aberta e por não haver inicialmente um direcionamento prévio, utilizei a pergunta disparadora: *como você percebe a questão da violência em seu casamento?* Pergunta que permitiu a mulher falar da violência como lhe é singular, pois a pesquisa qualitativa permitiu uma metodologia que abrisse espaço à interpretação e possibilitasse a emergência de significados e sentidos subjetivos. Outro modo encontrado para entrevistá-la, foi através de e-mails, em que era enviado um questionário, com perguntas que buscavam responder as lacunas deixadas durante a entrevista pessoal. Porém, a estratégia última apresentada foi bem aceita pela colaboradora, passando a utilizá-la como ela disse: desabafar sobre o que lhe incomodava.

O local das entrevistas foi pensado de modo que garantisse privacidade para a entrevistada, sendo este ponto um fator preocupante para ela, pois ela não queria estar em um consultório de psicologia, tampouco em algum lugar que pudesse ser vista. Sugeri meu apartamento como um local que propiciaria a ela sigilo e privacidade, local este bem aceito pela entrevistada, revelando que assim ninguém a veria.

Trabalhar apenas com uma colaboradora foi motivado pelo interesse em fazer um Estudo de caso, utilizando os pressupostos psicanalíticos, procurando compreender a dinâmica psíquica que a assujeitava à relação conjugal violenta.

O procedimento utilizado para analisar os dados coletados foi a proposta de Bardin (2004) para a Análise do Conteúdo, ou seja, foram enfocados os aspectos relevantes que se sobressaíram ao material coletado, registrando-os por meio de categorias que ofereceram um panorama a respeito do objeto em estudo.

5 – RELATO

5.1 – Nota Introdutória

"Há sempre, nas mais sinceras confissões das mulheres, um cantinho de silêncio." Paul Bourget⁹

Nesta parte do trabalho, consta o relato do depoimento colhido. Para a entrevistada, foi construído um esboço de sua história a partir da violência conjugal conforme suas palavras, incluindo comentários de meu contato com a mesma, bem como impressões acerca das expressões corporais apresentadas durante a entrevista. Discutirei alguns pontos importantes apresentados, entrelaçando-os com atos falhos e sentimentos que puderam ser capturados, articulando-os com o referencial teórico freudiano no momento da análise.

Como se trata de um trabalho que requer cuidados éticos especiais, os nomes das pessoas envolvidas ao longo da entrevista são fictícios. O nome da entrevistada foi escolhido por ela, revelando que seria o nome de sua filha caso a tivesse. Algumas informações que possam identificar os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas nesse relato foram sutilmente alteradas.

O objetivo do relato é expor fragmentos da história da entrevistada, visando apresentar a dinâmica psíquica a partir do assujeitamento à violência conjugal, bem como as implicações no dia-a-dia. As falas da entrevistada serão colocadas em *itálico*.

⁹ Paul Bourget. In Infopédia. Porto Editora, 2003-2011. Disponível em: [www.infopedia.pt/\\$paul-bourget](http://www.infopedia.pt/$paul-bourget).

LOUISE

5.2 - Louise: violência como condição para viver em paz

Louise é filha única de um casal bem sucedido no interior de Minas Gerais. Era muito mimada pelos pais e pelo avô, mas durante sua adolescência passou a ter problemas com a mãe ao namorar um rapaz pobre:

“Ela me batia na rua na frente de todo mundo, era uma vergonha, e foi por isso que logo me casei”.

O pai era um homem muito presente em sua vida, chegando ao ponto de confiar-lhe o segredo de suas relações extraconjugais. Este comportamento do pai cessou quando Louise saiu de casa ao casar. Nesta época seus pais separaram-se, fato este não aceito pela mãe e Louise ao emitir sua opinião para a mãe: *“mãe vai ser feliz, você tem que separar do meu pai”*, sentiu a indiferença afetiva por muitos anos.

Louise casou-se pela primeira vez aos quatorze anos de idade, com um rapaz pobre de dezoito anos, que não foi bem aceito pela mãe. Aos dezesseis anos teve seu primeiro filho Diego e logo após teve a segunda filha, Elisa. O marido sempre foi muito calmo, nunca a violentou, porém a traía com uma amiga sua, que era casada com o melhor amigo dele, fato descoberto após o marido ir morar nos Estados Unidos.

Casou-se novamente aos 20 anos de idade com o Mário, ex-namorado da filha de seu padrasto, ficando casados por 14 anos e vivendo sem brigas durante dois anos. Durante este período, a relação foi ordenada por ela, colocando-o para fora de casa sempre que quisesse. Após várias idas e vindas, Mário voltou para casa e segundo ela tiveram uma fase ótima. Nesse período em que mencionou estar tudo bem, Louise levou duas surras de Mário, que segundo ela foram as piores.

Na primeira, estavam em um pesqueiro jogando truco com um casal de amigos e ao sair Mário acusou-a de estar olhando para o amigo dele. Louise ao tentar explicar que não olhava para o amigo, a não ser pela necessidade do jogo, levou um murro no rosto que lhe fez cair de costas no chão, pois não encontrou apoio. Ao chegar em casa, conversaram e ele prometeu que jamais faria aquilo novamente.

A segunda surra aconteceu durante um baile de sábado de aleluia, em uma cidade vizinha, que para ela ficou marcado, pois era uma data abençoada. Ao chegarem ao baile juntamente com a cunhada e o namorado dela, Mário visualizou um ex-namorado de Louise e começou a acusá-la de estar olhando para ele. Louise tentando evitar confusão olhava fixamente para o rosto do marido, tentando explicar que não tinha visto o ex-namorado e que tampouco olhava para ele. Acreditando que poderia evitar mais uma briga, Louise pediu que fossem embora da festa e ao aproximar-se do carro, falou para o Mário: *“a gente tem que separar, porque eu não posso ir em lugar nenhum, porque estou olhando pros outros. Eu não quero isso pra mim”*. Mário, inconformado com a fala de Louise, afirmou que jamais a deixaria e pediu que ela entrasse no carro para conversarem melhor. Ao tentar entrar no carro, Mário derrubou-a no chão e desferiu vários socos em seu rosto, principalmente na testa, deixando as marcas dos dedos, parando somente quando sua irmã veio até seu encontro gritando: *“você lembra quando o papai batia na mamãe?”*.

Louise ficou com o rosto desfigurado e teve que ouvir durante a volta para casa, pedidos de perdão do marido, sentindo-se obrigada a aceitá-los para que não apanhasse mais. Sua cunhada inconformada com a situação chamou a polícia e Mário foi preso, ficando uma noite apenas, pois seu avô era vereador na cidade e conseguiu soltá-lo. Quando ele chegou em casa, pediu perdão, afirmando que jamais faria outra vez e Louise acreditou novamente.

Louise resolveu que deveria engravidar, pois o marido cuidava de seus dois filhos, - e ele ainda não era pai. Ao engravidar revelou que seu casamento não foi mais o mesmo, atribuindo à gravidez um castigo, pois os 12 anos seguintes foram nomeados por ela como: *horríveis*. Afirmou que sua vida com ele não foram somente momentos ruins, pois caso contrário não teria se *sujeitado*¹⁰ durante todos esses anos.

Mário era usuário de droga de cocaína e no período em que a Louise ficou grávida, passando a deixar de usar depois do pedido dela para que ele parasse: *“acho que agora não combina, tenho meus filhos já. Você fazendo isso”*. Ela conviveu com Mário usando drogas por dois anos e acreditou quando ele parou, pois ao contrário de outras pessoas, o mesmo ficava muito calmo quando fazia uso do entorpecente.

A situação que fez Louise decidir morar em Rondônia foi durante uma cavalgada na mesma cidade em que levou sua última surra. Estavam todos os seus parentes presentes, inclusive uma prima que foi denominada por Louise como: *“uma prima muito pra frente”*. Durante a cavalgada, Mário ficou se insinuando para a prima de Louise, momento em que ela

¹⁰ Termo utilizado pela entrevistada

pediu para que ele disfarçasse, pois estava ficando envergonhada com aquela situação e ele com raiva pela repreensão, jogou a aliança fora e foi embora, deixando-a para trás. Seus primos e familiares não entenderam a situação, mas perceberam que o motivo do conflito teria sido a prima, passando todos a ignorá-la e levando Louise para a casa. Ao chegar em casa, Mário tinha procurado sua sogra e contado à mesma que havia deixado Louise na cidade vizinha porque a encontrou com outro homem. Nesta mesma noite, Louise ficou em casa, mas foi atormentada por ele, pois dizia que: *“a jogaria pela escada, que amarraria no carro e sairia arrastando no asfalto”*. Segundo Louise, ela ouviu durante os doze anos esse desejo de Mário, que ela denominou de: *“sonho de consumo”*.

Após essa situação, em função do que foi dito para a mãe e para o padrasto de Louise, a mesma decidiu que não poderia mais ficar em sua cidade, pois uma grande confusão familiar se formou. Veio morar em Rondônia, não por causa da violência do marido, mas por não se sentir à vontade perto de sua mãe, achando melhor morar perto de seu pai. Ao decidir que viria para o interior de Rondônia com seus três filhos pequenos, Mário resolveu que viria junto com Louise, afirmando que tudo seria diferente e ela mais uma vez acreditou.

Quando chegou a Rondônia disse ter virado uma dona do lar, pois não havia ninguém para ajudá-la, acordando às cinco horas da manhã para realizar os serviços domésticos e cuidar das crianças, para que no período da tarde pudesse estudar para o vestibular. Após seis meses, conseguiu ser aprovada no vestibular e seu pai a presenteou com uma cirurgia para colocação de próteses de silicone nos seios, sendo este mais um motivo para a violência do marido contra ela. Qualquer briga que tivessem Mário queria rasgar seus seios, tratando-a sempre com desprezo e violência, principalmente na frente dos colegas de trabalho dele. Louise era vista como coitadinha pelos colegas de trabalho do marido, mas segundo ela, não era tão coitadinha, principalmente quando diz:

“Eu sou super brava, estressada, mas acho que eu passo a maior calma, aí todo mundo falava: nossa Louise eu não sabia que ele era assim com você, tipo coitadinha da Louise, mas eu não sou tão coitadinha, porque eu sou brava”.

Ao passar no vestibular, mudou-se para Ji-Paraná junto com os três filhos, para cursar direito, deixando Mário morando em Jaru. Mário traía Louise com várias mulheres, mas ele sempre atribuía a Louise a função de traidora, detentora de muitos homens. Mário visitava Louise de quinze em quinze dias, chegando sempre de madrugada, acreditando que iria encontrá-la com algum homem. Como não a encontrava, passava as mãos sobre os móveis

afirmando estarem cheios de poeira porque Louise estava transando com outros homens e não tinha tempo de limpá-los. A traição com uma funcionária do depósito da loja em que Mário trabalhava, Célia, foi traumática, pois afirma não poder ouvir esse nome. A reação da Louise ao presenciar a traição foi mandar o marido preencher todas as folhas de cheque, pois ele veria quanto custava um chifre. Louise comprou tudo que sempre teve vontade, afirmando que essa: *“história de a gente pegar um chifre e dizer eu vou matar, isso não existe, porque você fica sem chão, o chão acaba, é horrível, ninguém mata, morre, não faz nada”*.

Louise tinha uma vida econômica estável, mas não era rica, pois pagava a faculdade. Seu pai é um homem socialmente bem sucedido, estando rodeado de juizes, promotores, advogados, oferecendo sempre *“festas tops”*. Mário estava no meio dessas pessoas, mas as mesmas não sabiam o que acontecia, pois o assunto era abafado por ela, que tinha vergonha de contar a alguém. Como a Célia trabalhava na mesma loja que Mário e mantinha também um caso com o dono da loja, a mesma não foi mandada embora.

Mário conseguiu um emprego em Porto Velho, em uma loja de produtos veterinários como gerente de vendas no mês de agosto, ficando impossível a Louise o acompanhar, pois as aulas da faculdade tinham começado. Novamente ele visitava Louise de quinze em quinze dias, chegando de madrugada com a intenção de pegá-la com algum homem. Ele não batia mais nela, mas a xingava de *puta e biscate* com muita frequência. Como meio de trazê-la para Porto Velho, Mário prometeu que pagaria a faculdade e após Louise conseguir organizar tudo ele disse: *“você acreditou que eu ia pagar a faculdade?”*

Louise ficou incrédula ao ouvir a pergunta do marido, ligando imediatamente para o seu pai e contando-lhe toda a história. Esperando um posicionamento do pai, Louise ficou decepcionada, pois o mesmo não emitiu nenhuma opinião. Mário sempre tratou bem ela e as crianças na frente do pai de Louise, mas por trás segundo ela:

“Sempre me dando homem, não prestava atenção se as crianças estavam perto, sua mãe é puta, vagabunda, puta era o mais legal e biscate, biscate, sua biscate, ate hoje, vou chegar ate o dia de hoje pra você ter uma idéia, até hoje sou biscate”.

As traições de Mário continuaram e sempre com mulheres que trabalhavam com ele. Como ele não pagou a faculdade como havia prometido e o pai de Louise não deu importância ao fato, ela decidiu que iria estudar para fazer concursos. Estudava em casa, tomando vários componentes energéticos para agüentar o ritmo de estudo dia e noite. Mário fazia de tudo para atrapalhar Louise, que segundo ela:

“Ele batia numa criança para eu parar de estudar, eu ir lá, ele brigava com o mais velho, ninguém podia olhar no mais novo que era filho dele. Nossa ele fazia tudo, tudo. Eu não tinha livro, era livro de xerox, se você pegar minhas apostilas tudo tem marcas de lágrimas, é tudo borrado. Eu estudava chorando em cima dos livros”.

Surgiu um concurso em órgão público e Louise foi aprovada, demorando quase um ano para ser convocada. Neste período de espera, ela adoeceu, pois não tinha mais nenhum objetivo a alcançar e pensava: *“quando eu começar a trabalhar, tchau”*. Disse que não suportava mais o Mário, pois ele se dirigia a ela sempre com palavras ofensivas, acusando-a de ter vários amantes. Mário ao chegar em casa exigia que o jantar estivesse pronto, caso contrário quebrava todos os móveis. Não suportando mais ficar em casa, Louise procurou uma loja de roupas e pediu para trabalhar no crediário, pagando somente duas disciplinas do curso de direito com o salário que ganhava.

Louise não podia ter amigos, caso fosse mulher arranjaria homens para ela e se fosse homem, seria visto como um amante. Ela dizia ter duas caras, uma quando estava longe do Mário e outra quando estava perto.

Quando foi convocada para assumir seu cargo, pensou: *“é agora, agora é a vez”*. Mas segundo ela não foi, pois o marido prometeu que tudo seria diferente, já que estaria ocupada com seu trabalho, não tendo mais tempo de ficar em casa pensando em outros homens. Novamente Louise acreditou que tudo seria melhor, mas não foi bem assim.

Louise freqüentava uma igreja evangélica próxima a sua casa, mas teve que sair porque ficou com medo de passar vergonha, já que ela era novo membro da igreja e o pastor lhe dava uma atenção maior, causando ciúmes no marido. Saiu do curso de espanhol porque o Mário queria matar o professor, acreditando ser ele o amante de dela. Mesmo com todas essas perseguições, ela fez inúmeros cursos no SENAC, não sabendo explicar se isso foi utilizado como um artifício para não ficar em casa. Os filhos ficaram durante muito tempo sem atenção, principalmente os mais velhos, revelando que sempre que estava em casa era estressada e sem paciência. Já com o filho mais novo, o Pedro Augusto, filho do Mário, as coisas sempre foram diferentes.

Mário sempre fez questão de dizer ao filho que sua mãe era chata, que não gostava dele e mesmo que ele estivesse doente, ele deveria preferir seus cuidados. Louise descreve como o Mário agia com seus filhos:

“Ele era assim, ele odiava meu filho mais velho, então, várias vezes ele deu uma surra de machucar ele, tanto que ele odeia o Mário e a Elisa aprendeu a chamar ele de pai, então ela é mais ou menos, com o Pedro Augusto ele era o denço só.”

Na faculdade, Louise tinha um grupo de amigos com os quais saíam para almoçar juntos, iam para a faculdade num sistema de rodízio dos carros, afirmando que era necessário sair escondida sempre que o rodízio era com o carro de um colega. Algumas colegas da Louise sabiam do comportamento do Mário e ele era visto como o estraga festa.

Mário mudou de emprego e passou a ser gerente geral de uma loja de produtos veterinários, passando a ganhar o salário igual ao da Louise, podendo assim falar de igual para igual. Ele, então, sai da loja e monta uma padaria juntamente com outro sócio que já tinha uma padaria em funcionamento. A padaria levou mais ou menos oito meses para ficar pronta, ficando a cargo da Louise todas as despesas da casa. Quando a padaria ficou pronta, Louise saía do trabalho e passava todos os dias por ela. Mário passou a tratá-la mal, com gritos na frente dos funcionários, o que deixava Louise envergonhada, pois ela queria mostrar que o relacionamento era ótimo com o marido. Novamente Mário envolve-se com uma moça, funcionária da padaria, deixando Louise com um sentimento de revolta, pois estava sendo traída mais uma vez.

Nessa época, Louise sentia-se feia, sem nenhuma qualidade, pensava que ninguém a queria, principalmente porque tinha três filhos e que o Mário era bonzinho por querê-la. De repente, Louise começa a ser elogiada por um colega de trabalho, também chamado “Mário 2”¹¹, que a auxiliava nos preparativos para sua formatura. Mário 2 também era casado e após alguns meses, meados de Agosto, Louise começa a ter encontros amorosos com Mário 2, passando a *viver*, como ela mesma denominou, pois ele era um homem perfeito, a respeitava, confiava em tudo que ela dizia e a valorizava como mulher. No final do ano, Louise e seu marido resolvem viajar de férias na esperança de poderem melhorar a relação, mas o pensamento de Louise estava todo voltado para o Mário 2. Ao retornar de suas férias, Louise descobre que o amante deixara sua esposa para assumir o namoro com ela.

Em fevereiro, Louise tem a sua festa de formatura, impondo para o marido que ele não deveria atrapalhá-la, que aquele era o momento dela, no qual falaria e dançaria com quem quisesse. E assim aconteceu. Na semana após a festa, Mário (esposo) leu uma mensagem no celular de Louise mandada pelo namorado, descobrindo que ela o traía. Porém, ao invés dela apanhar como de práxis, ele a levou para um motel e disse que a amava muito, que não iria deixá-la e pediu que ela deixasse o namorado. Neste período, Louise encontra-se pouco com o

¹¹ Usarei essa nomenclatura para facilitar a distinção entre os Mários.

namorado, por conta de seu marido ter descoberto, porém ele passa a sair novamente com a funcionária da padaria, deixando Louise incrédula.

Louise resistiu muito para pedir a separação, pois acreditava que seu marido poderia ter aprendido alguma lição, já que até meados de abril, a presenteava, levava para jantar, porém não deixava de traí-la. *Mário 2* nesta época pressionava Louise para que ela tomasse uma decisão, pois ele havia deixado sua esposa para estar com ela. No final do mês de abril Louise pede que o marido saia de casa, acreditando que isso faria com que ela decidisse o que realmente sentia por ele. Mário impôs que a condição para separar-se era levar o filho Pedro Augusto e Louise permitiu.

Louise reatou o namoro com Mário 2 vivendo um período “*lindo*”, porém foi proibida pelo ex-marido de ver o filho. O ex-marido entrou na justiça solicitando a separação, bem como a partilha dos bens que estavam todos no nome da Louise. Inúmeras foram as confusões por conta da separação, incluindo boletins de ocorrência na polícia por agressões físicas, destruição de patrimônio, apoderamento indevido de documentos, ameaças contra o namorado, etc.

Após muitos meses sem ter contato com o filho, Louise deixou o namorado e reatou o casamento para ficar perto do filho Pedro Augusto, porém ele não queria estar perto da mãe, preferindo sempre a companhia do pai. Com uma semana que reatou o casamento, Mário foi visto pela enteada encontrando-se com uma moça, também casada, que morava no mesmo condomínio que eles. Louise inconformada com a situação foi tirar satisfação com a moça e bateu no marido decidindo que não o queria mais.

Mário inconformado entrou com um pedido de liminar na justiça para que Louise não se aproximasse dele, alegando que ela trazia problemas para ele e seu filho. A liminar foi cedida e Louise não podia mais ir à padaria e nem passar próximo dos lugares onde ele estaria.

Louise reata novamente o namoro com Mário 2 e novamente é impedida de ver o filho. O seu ex-marido, revoltado, comprou uma arma, passou a segui-la, fechava seu carro na rua, pulava em cima do carro do namorado dela quando eles estavam juntos e jogou soda cáustica no capu do carro. A única reação de Louise era chorar, pois sentia falta do filho e seu ex-marido provocava situações que segundo ela, faziam “perder a cabeça” e agredi-lo, proporcionando a ele, provas que pudessem depor contra ela na separação e guarda do filho.

Louise entendia que deveria estar atenta a todos os passos de seu ex-marido e que não adiantava ela chamar a polícia, ir à delegacia fazer boletins de ocorrência, pois ela afirmou ser

muito maltratada pelas pessoas que na delegacia trabalhavam. Passou a ser conhecida como a Louise dos Mários, era motivo de piada para a polícia, pois a incidência de ocorrências era grande, mas no final, ela voltava para o marido. Louise reatou o casamento inúmeras vezes por causa do filho, não conseguindo mantê-lo por muito tempo, pois logo seu ex-marido dizia que ela estava o traindo.

Mário (ex-marido) ligava no seu ambiente de trabalho, falava para a chefe da Louise que ela estava transando dentro das salas, ameaçando também de ligar para o presidente do setor caso algo não fosse feito. Louise precisou ter muita cautela para que nada atrapalhasse seu trabalho, pois isso era o que ex-marido queria.

No ano de 2008, após muitas ocorrências, Louise havia solicitado uma medida protetiva e o ex-marido esquecendo-se disso, ligou para o sogro avisando que mataria Louise assim que o filho deles fosse passar férias na casa do avô. Louise avisou a polícia e Mário foi preso, ficando uma semana no presídio. Ao sair do presídio, Mário novamente pede perdão e Louise sentindo-se culpada pela prisão dele, aceitou seu perdão e reatou o casamento. Ficaram juntos por nove meses e após ser proibida de ir a exposição, resolve se separar.

Louise entrou com pedido de compartilhamento da guarda do filho juntamente com um estudo psicossocial, afirmando que o filho sofria alienação parental. Após os estudos, comprovou-se que existia alienação parental, porém a guarda manteve-se com o pai, devendo a Louise a continuação no pagamento da pensão.

Louise ao reformar seu apartamento conheceu Eliseu, vendedor na loja de materiais de construção e após vários convites do mesmo para sair, a mesma aceitou e pouco tempo depois estavam namorando, casando-se em 2011. Louise vê o marido como um homem ingênuo, “*um bebezão*”. Culpa-se por compará-lo ao ex-marido, pois admite “*sentir falta*” de algumas coisas que ele fazia, mas como defesa procura imediatamente pensar nas coisas ruins que o ex-marido faz um meio de esquecer ele e das boas lembranças.

Mário continua ligando todos os dias para o trabalho de Louise, xingando de “*puta e biscate*” para qualquer pessoa que atenda ao telefone, causando desconforto com os colegas de trabalho.

O pai de Louise é visto por ela como um homem sem postura, que não se impõe, permitindo que o ex-marido faça o que quiser, pois ele o considera um homem trabalhador, um homem de família e que toda essa história deveria ter sido abafada e ela ter continuado casada.

Louise não tem muitas amigas, prefere isolar-se das pessoas, pois supõe que todos saibam de sua história. Está cansada de explicar a situação, revelando que as pessoas a culpam pelos acontecimentos. Ela prefere vê-lo a ofendendo ao invés de preso. Mesmo diante deste quadro apresentado, Louise sente falta do ex-marido, pois o compara com o atual marido, revelando que este é preguiçoso e acomodado e que caso venha a se separar, dará um tempo nas relações afetivas.

6 - ANÁLISE

“Só há análise do particular”. Lacan (1966/1998, p. 23).

É sabido que certa medida de sujeição é necessária para a manutenção de um casamento e para manter afastadas as tendências biológicas à poligamia. Por isso, penso que em nossas comunidades sociais este fator é comumente considerado e nele se justifica formas de matrimônio onde há dependência e submissão. Com base nisso, a expressão *sujeição sexual* foi usada por Von Krafft Ebing em 1892 para descrever o fenômeno em que uma pessoa adquire um grau de dependência alto em relação à outra pessoa com quem mantém um relacionamento afetivo-sexual.

Louise, pessoa central deste estudo, inicialmente se revelou uma mulher dependente do marido por razões financeiras e em função da falta de perspectivas de ter um emprego, pois não tinha graduação. Justificava-se assim o assujeitamento à violência imposta pelo marido.

Após alguns anos e com muitos esforços sua vida mudou. Passou em um concurso público, cursou uma faculdade e seu padrão de vida se elevou. Contudo, o assujeitamento à violência continuou. Pergunta-se: Qual o motivo para não romper o vínculo? Havia se acostumado com tal situação? Seria este o único modelo matrimonial imaginado para si? Haveria um gozo nesse tipo de relação que a sustentaria?

Pensando nesta última indagação, lembrei da música cantada por Alcione, denominada *Estranha loucura*,¹² que retrata o perfil de uma mulher que parece ter um gozo no assujeitamento a um homem:

*Minha estranha loucura É correr pros teus braços quando acaba uma briga
Te dar sempre razão E assumir o papel de culpado bandido
Ver você me humilhar E eu num canto qualquer dependente total do teu jeito de ser
Minha estranha loucura É tentar descobrir que o melhor é você. Eu acho que paguei o preço por te amar demais
Enquanto pra você foi tanto fez ou tanto faz.*

Esta mulher revela sua loucura ao perceber seu assujeitamento à um homem que parece não se importar com o sofrimento que causa a ela. Porém, ela continua amando-o incondicionalmente, permitindo ser devastada. Louise parece ser o retrato desta mulher, que ama incondicionalmente o Mário e mesmo sendo humilhada por ele, não consegue romper o

¹² Música de autoria da própria cantora

vínculo afetivo que os liga, mantendo a relação violenta em troca de um prazer, muitas vezes visto como loucura. O caráter condicional dos sacrifícios feitos pelas mulheres não deixa de soar como o preço que elas se dispõem a pagar por um benefício bem preciso. O amor que a mulher chama em complemento da castração, para fundar seu ser, define o campo de seu assujeitamento ao Outro a determinar uma alienação que duplica a alienação própria do sujeito.

6.1 - Violência como condição de equilíbrio

De todos os males, o meu difere; ele me agrada; regozijo-me com ele, meu mal é o que desejo e minha dor é meu bem-estar. Não vejo, portanto, de que me queixar, pois meu mal advém de minha vontade; é meu querer que se torna meu mal; tenho tanto gosto em querer assim que sofro prazerosamente e há tanta alegria na minha dor que me delicio com a minha doença. (Rougemont, 1972, p. 32)

Louise sofreu violência física e moral na adolescência provocada pelos pais. Seu pai violentava sua ingenuidade ao contar-lhe sobre seus relacionamentos extraconjugais, desenhando para a filha um modelo de relacionamento aceitável. Sua mãe a agredia fisicamente, porque ela se envolvera com um rapaz de classe econômica inferior ao da família. Louise revelou sentir-se humilhada após as agressões da mãe, porém a função da humilhação e da vergonha merece ser sublinhada, pois me parece uma particularidade importante para o estabelecimento das relações posteriores. Esse acontecimento parece ser um núcleo de fixação em que a obtenção do gozo fixa-se nessa lembrança como algo oculto - senão vergonhosa.

É observável que as escolhas relacionais de Louise poderiam ser afetadas por essas situações, tendo em vista que para Freud (1905/1996) encontrar um objeto é reencontrá-lo. Louise parece procurar homens muito parecidos com seu pai, homens que mantêm relações extra-conjugais e que não escondem que as mantêm, lhe causando sofrimento.

Louise casou-se com este mesmo rapaz que foi motivo de muitas surras que sua mãe lhe dera. Esse rapaz era muito educado, não a agredia, porém a traía com uma amiga dela que era casada com o melhor amigo dele. Esse relacionamento durou apenas dois anos e meio e acabou por conta das traições. Algumas pessoas da cidade onde Louise morava em Minas Gerais acreditavam que haveria possibilidade de algum dia eles reatarem, mas ela não pensa assim: *hoje penso que não tem nada a ver mais.*

Após esse relacionamento, Louise casa-se novamente aos vinte anos, com um rapaz tido como trabalhador, “de família”, porém, violento, agressivo, que a traía com frequência, revelando dificuldades para romper essa relação, pois sempre acreditou que ele poderia mudar.

“Porque eu não desejo mal para ele, eu não desejo nada de ruim, pelo contrário e eu voltava porque achava que ele tinha entendido a mensagem, tipo eu ficava arrumando explicação para mim. Eu fiquei em dúvida, dou

mais uma chance ou não. Quem sabe agora ele aprendeu. Ainda fiquei na dúvida”.

As dúvidas parecem fazer parte de todas as relações estabelecidas por Louise, pois os homens com quem se envolveu a traíam, fazendo-a sentir-se feia e desinteressante diante de todos:

Nem pedreiro fazia fiu fiu pra mim, ou eu não percebia nada, gente eu me achava tão feia, quem ia me querer com três filhos e tipo assim, eu não enxergava nenhuma qualidade em mim, quem ia me querer? Só o bonitinho do Mário, ele era muito bonzinho porque ele ainda me queria, sabe assim”.

Dúvidas quanto o seu potencial para tomar atitudes com intuito de puní-lo pelas suas ameaças e agressões e principalmente se ele realmente merecia ser punido.

Ele foi preso, eu quis morrer, porque afinal de contas eu não desejava nada de mal, Urso branco¹³, porque na verdade ele é um rapaz de família, ele tem um distúrbio, mas ele é um rapaz trabalhador e foi parar no urso branco, raspam a cabeça dele, bateram muito nele, porque lá bateu em mulher apanha bastante e eu me sentia culpada, porque a prisão dele foi em 2008, porque eu era responsável pelo aquilo, porque se eu não tivesse separado nada disso teria acontecido

Dúvidas quanto aos sentimentos por ele “faz pouco tempo que eu deixei de ter carinho pelo Mário, porque assim eu nunca desejei nada de mal acontecesse com ele”, porém se contradiz quando revela:

O que eu não suporto é que às vezes me pego pensando nas coisas boas que ele fazia e sinto muita falta. Chego a comparar com o Eliseu e ele é melhor em um monte de coisas. Isso me incomoda e eu tenho que rapidamente lembrar tudo de ruim que ele ainda faz.

Romper a relação violenta parece não fazer parte dos planos de Louise, pois se envolveu com outro homem, de um perfil diferente, apresentado por ela como um *homem perfeito*, porém ela não conseguiu manter a relação que subjetivamente não era a perfeita. Louise racionaliza o rompimento com o Mário 2 quando disse: “não, agora chega com essa história de Mário, porque se eu estou com um quero ver a família, se estou com outro quero

¹³ Casa de Detenção Urso Branco – presídio Estadual de Porto Velho.

vê-lo, eu vou ter que me ajeitar com minha família". Se a mulher trai, não o faz, contudo, da mesma forma que o homem. A infidelidade feminina é mais pensada em relação ao Outro do Amor - que elas sempre buscam – e que não necessariamente coincide com um homem concreto. (ZALCBERG, 2007). Ser infiel ao marido pode representar recuperar uma alteridade que sente perdida no casamento, quer dizer, necessitando ser a mulher ilegítima de outro para poder ser Outra ela própria.

Como observa a psicanalista Colette Soler (1995), com a multiplicação das possibilidades outorgadas às mulheres de determinar segundo suas decisões, de ter uma criança ou não, de casar-se ou não, inclusive de trabalhar ou não, vemos que os dramas das escolhas já não são uma particularidade masculina. Porém, esta justificativa apenas racionaliza o desejo latente de manter a relação onde realmente se goza.

Louise separa-se socialmente do Mário e casa-se com Eliseu, um rapaz que ela julga ser *ingênuo, um bebezão* e que se julga forte perto do ex-marido dela.

Acho que ele nunca deu nem um murro na vida dele, nunca brigou, se o Mário descobre uma coisa dessas (risos), mas o Eliseu, ele coloca a maior banca para mim, ele diz: se o Mário se meter comigo ele vai ver. Eu digo: hum meu Deus, vou fingir que acredito.

A violência faz parte do cotidiano de Louise e sem ela parece não ter equilíbrio "*até então eu não sei se sofria violência, agora eu sei que eu, depois da separação fui sofrer mesmo, porque assim tudo era tão ruim que aquilo fazia parte*". A lembrança vergonhosa é cada vez mais humilhante a cada ocasião em que é reencenada, demonstrando uma maneira "cruel" de buscar sem limites o gozo intenso.

Pergunto a Louise se ela imagina sua vida sem as ofensas e agressões do Mário e ela revela que "*não já virou rotina e por eu já não receber as ofensas dele nem sofro com isso*". Observa-se um ato falho, pois diariamente Louise recebe ligações do ex-marido em seu trabalho, ofendendo-a. Talvez Louise não entenda isso como uma ofensa e sim como uma maneira do Mário demonstrar que a ama, pois quando ele não faz, ela espera ansiosamente a ligação. "*Quando chegou na segunda feira eu fiquei esperando ele me ligar o dia inteiro e ele não ligou*".

Louise coloca-se à disposição do Mário, até mesmo quando ele não a quer, abrindo mão de seu ser em prol desta busca desenfreada pela manutenção dessa relação. O filme *A história de O.* nos conduz a esse tema da distinção entre o gozo pela palavra e o gozo pelo

silêncio na mulher. “Enfim, uma mulher que confessa”. Seria uma mulher que confessaria aparentemente o seu gozo sobre o qual, sabe-se, nada se pode dizer. O que move a heroína da História de O revela-se ser a dimensão do amor absoluto pelo qual ela compromete seu ser numa total disponibilidade em relação à fantasia perversa de seu parceiro.

O. é uma jovem mulher que seu amante, René, começa a prostituir oferecendo-a para os membros de uma sociedade secreta, para depois a pôr à disposição de seu meio-irmão, Sir Stephen. Esse amor abnegado, de total entrega que a move, vai constituir toda a trama do romance.

À primeira vista, O. se apresenta ao longo da narrativa como uma mulher perversamente instrumentada pelo desejo e pela vontade de gozo de um homem. Nisto, seu amor por seu parceiro teria mais a ver com a face do gozo do amor. Este parceiro torna-se um parceiro-sintoma, devastando-a.

Louise parece ser devastada pelo seu parceiro-sintoma, quando se propõe a ser humilhada e atender a todas as demandas que são exigidas por ele, mantendo um vínculo afetivo, mesmo não estando mais casada com ele. Nos instantes iniciais do primeiro encontro, sua fala, suas expressões faciais, seus sorrisos e sua satisfação ao contar, demonstraram que a relação violenta com o ex-marido tem grande importância na dinâmica psíquica da Louise, parecendo operar num jogo de prazer e culpa:

“Então eu fui arrumando defesas pra mim, eu preferia ele me xingando, ligando todo dia no meu trabalho, enchendo saco todo dia do que ele preso, e eu falava assim para as pessoas: eu não quero mal pra ele não, agora hoje eu já tenho sentimento diferente, agora pra mim não existe.”

Demonstra prazer quando sorri ao contar as situações inusitadas que acontecem com ela, ficando a dúvida sobre a percepção existente à violência sofrida ou se os sorrisos denotam prazer. A violência conjugal parece não ser um problema na vida cotidiana de Louise, embora expresse em suas falas insatisfações com os problemas acarretados pelo ex-marido. Pommier (1992, p. 155) afirma “que a expressão de amor não é contrária à do ódio, visto que o que importa é apenas a manifestação do desejo, do qual esses sentimentos dão conta igualmente”.

As ofensas à Louise são constantes dentro dessa relação com intuito de atacar a sua imagem, quando diz ao filho: “sua mãe é puta, vagabunda, puta era o mais legal e biscate, biscate, sua biscate, até hoje, vou chegar até o dia de hoje pra você ter uma idéia, até hoje sou biscate.” O que Freud designa como escolha sexual tipicamente masculina, dissociação

entre a mulher amada, a Dama, e a mulher desejada, moralmente inferior e que tem como paradigma a figura da prostituta, pode contribuir para a compreensão dessa condição necessária na escolha amorosa de um homem. Como afirma Zalberg (2007, p. 79) “degradar uma mulher é lhe dar o sentido da castração.”

6.2 - Filho: é necessário ser mãe?

Louise engravidou do filho mais novo, Pedro Augusto, após dois anos de relacionamento com o Mário. Esta relação era considerada boa, *“foram dois anos, vivendo é, bem, não bem, mas tipo assim, eu comandava entendeu, e a gente brigava do mesmo jeito assim, mas, eu falava que não queria ele, eu punha ele para fora (risos)”*. Ela esperava que a gravidez planejada fosse mais bem aceita e *“achava que quanto mais gorda eu ficasse mais bonita eu estava sendo, sabe aquelas besteiras”*, porém percebeu que a gravidez foi um motivo para o fim do relacionamento, *“a partir do momento que eu cheguei e falei “eu tô grávida” meu relacionamento acabou, sabe até parece que foi assim um castigo”*. É verdade que uma mulher espera muitas vezes confortar sua feminilidade na maternidade. Ela pode até crer que o que lhe foi recusado como mulher poderia lhe ser compensado enquanto mãe.

Não há sem dúvida tentação mais insidiosa nem ilusão mais difundida que o de esperar da maternidade essa plenitude absoluta. Não que ela não possa satisfazer aquela que ascende a tal posição, mas é que assim a satisfazendo, ela lhe permite pensar que seu questionamento enquanto mulher encontraria uma solução feliz e definitiva.

A maternidade faz parte de certa patologia feminina, no sentido em que a criança se insere numa série de objetos que permitem à mulher preencher o furo do “menos” inscrito em seu corpo. Se transformar em mãe é se transformar naquela que “tem” por dom de um homem.

A falta fálica que Freud descobre no âmago do ser feminino revela-se o problema e, ao mesmo tempo, a solução para a mulher. É problema porque a mulher apesar de certos vislumbres conceituais que dão a pensar num mais além, que deseja, ama e goza em função do falo. É solução porque em todos os registros, o falo exerce uma função de suplência para a mulher.

A suplência fálica inicialmente valorizada por Freud é a que é proporcionada pela criança a uma mulher enquanto mãe. A obtenção de uma criança como compensação fálica é a premissa da primeira formulação freudiana da parceria de uma mulher com um homem.

As mulheres favorecerem o lado materno em detrimento de sua condição feminina é um fato bastante freqüente. Em muitos casos, após o nascimento de um filho, muitas mulheres não mais investem (ou não da mesma forma) a relação com um homem. Louise acreditava que o nascimento de seu filho (Pedro Augusto) traria mais amor e fortalecimento ao seu casamento, depositando todas as expectativas na gestação.

Diz ter engordado muito, pois acreditava que o Mário a amaria mais, porém percebeu que o efeito foi ao contrário. Pode-se inferir que Mário não suportou o quantitativo de investimento depositado no filho que nasceria, passando a querer disputar a atenção, porém conseguia ser visto pela Louise através de suas agressões. Mário passou a colocar o filho contra a mãe, deslocando o poder hierárquico que a mesma deveria ter com ele.

A relação teve muitos conflitos causados pelo lugar hierárquico que o filho Pedro Augusto ocupava.

“Quando eu estava na igreja, eu explicava para ele, olha a base da família é a mamãe, o papai e depois os filhos, porque se alguém está fora do lugar, fica desestruturado. Era ele, o Pedro Augusto e depois eu e os dois meninos”.

Louise racionalmente delega a saudade do filho, o fim do relacionamento com o Mário 2, bem como as inúmeras voltas ao ex-marido, porém essa racionalização apenas encobre o gozo nessa relação. Gozo este que parece ser obtido na manutenção do vínculo afetivo com o Mário em que ela se assujeita à violência.

Separar a condição de mãe e a de mulher faz Lacan chegar à formulação da “verdadeira mulher”, que é aquela que escolhe ser mais (ou exclusivamente) mulher que mãe, isto é, que relega sua condição materna a um segundo (ou a nenhum) plano. As figuras míticas ou trágicas dos grandes romances incintam-nos a nunca esquecer as mulheres que podem, por exemplo, tudo sacrificar à verdade de sua exigência de amor de um homem.

Medeia ilustra em termos trágicos o hiato que existe entre a posição feminina e a posição materna ao não hesitar em assassinar os próprios filhos para atingir Jasão que a abandonara. O que interessa a Medeia é o amor de Jasão e nada mais. Para obtê-lo, Medeia está disposta a tudo. Aceita sacrificar o que seria para uma mãe mais precioso. O ato de Medeia de sacrificar seus filhos como resposta à traição de Jasão indicaria que ser mulher é para ela, algo superior a ser mãe.

Durante o relato de Louise pode-se observar que o filho Pedro Augusto é sempre motivo para os conflitos, motivo para as reconciliações, motivo para a manutenção da relação com o ex-marido, confirmando que a vinda deste filho foi um fator preponderante para a manutenção da violência conjugal. Lacan conforme leitura de Zalberg (2007) enfatiza a busca do amor da mulher junto a um homem, independentemente da compensação que a mulher possa obter como mãe. “Há uma Medeia em toda mulher”.

6.3 - Traições: desejo de ser única

Louise casou-se pela primeira vez ao quatorze anos de idade, separando-se após dois anos e meio em função por causa das traições de seu esposo. Casou-se pela segunda vez aos vinte anos, separando-se após quatorze anos também por causa das traições.

Os sentimentos frente às traições foram estendidos as relações com os pais. Louise sente-se traída pelo pai que não têm atitudes frente ao comportamento do Mário. Já com sua mãe, o sentimento de sentir-se traída parte dela, pois Louise concordou com o pedido de separação do pai, afirmando que a mãe não poderia ser mais enganada, porém sua mãe não aceitava, demonstrando uma relação também de assujeitamento. Tanto o pai como o ex-marido de Louise transitavam nas relações extraconjugais de uma maneira muito tranqüila como se socialmente este papel fosse esperado ao casar-se. Frequentemente o problema do homem não passa tanto pelo amor. Consiste mais na dúvida quanto a conseguir ou não escolher uma parceira, não estar certo de qual seria a melhor, caso tenha várias, ou se ela é boa, caso tenha uma. (ZALCBURG, 2007).

As traições físicas (ato sexual) do Mário foram motivos alegados por Louise para a separação social, pois não suportava mais a vergonha. Mário tinha cópia de todos os documentos dos bens que ela possuía, deixando suspeitas de que ele planejara a separação. Esse fato fica evidente quando ela disse:

Quando eu me separei dele, ele tinha um contrato de gaveta, porque a casa era financiada, porque tinha cópia de tudo, então eu acho que ele já estava mal intencionado por ele ter a cópia de tudo. Não tinha essa precisão dele estar com essas cópias; quando ele entrou com a ação ele tinha todas as cópias, ate a cópia dos depósitos. Eu acho que isso sim foi traição.

Para a mulher, nunca ser amada por inteira, trata-se de uma devastação. Por isso também o amor se faz tão insistente e tão importante para a mulher e o sentimento de perda de amor tão devastador.

Durante a entrevista Louise revelou arrependimento por ter separado de Mário insistindo que desejava apenas que ele recebesse uma lição.

A mulher, quando ela faz a ocorrência sofre agressão, ela não quer fazer mal para o marido, ela quer que o marido pare de fazer isso e eu ficava tentando me entender, porque que eu volto? Porque eu não desejo mal para ele, eu não desejo nada de ruim, pelo contrário e eu voltava porque achava que ele tinha entendido a mensagem.

Kovács (1992, p. 167) diz que “a separação pode ser vista como um fracasso do amor, onde se pode verificar a erupção dos impulsos sadomasoquistas”. O sofrimento muitas vezes constitui um elemento de prazer, ama-se um pouco morrer, há elementos libidinais na autodestruição, que são os componentes masoquistas da separação. Em seu desejo de complementar o desejo do Outro, a mulher se submete às condições do amor do Outro; ela está sempre na “hora” do Outro. É uma posição bem feminina esta a de estar sempre na hora do Outro. Está aí a famosa frase de Lacan em que afirma que uma mulher é capaz de dar tudo ao homem, seu corpo, sua alma, seus bens.

Não é sem razão que se diz que todo amor dá felicidade, incluindo o amor infeliz, do qual o despertar é penoso. O desejo de Louise em não se desvincular é o mesmo de inúmeras mulheres, independente de classe social, pois a delegacia continua ainda sendo apenas uma instituição utilizada como um possível inibidor da violência.

O amor identifica a mulher e no rompimento de uma relação amorosa, o sentimento de perda tem muito a ver com a perda do amor que a identifica como mulher e não só com o homem ele mesmo.

A mulher só é sujeito, diz Lacan, onde ela consegue ser “toda”, quer dizer, lá de onde o homem a vê, isto é, a acolhe. (SOLER, 1995). Simone de Beauvoir (1949) o diz a seu modo: é através dos olhos do homem que a mulher tem relação com o significante fálico, que lhe dá alguma significância. Por isso mesmo ela quer ser reconhecida como a “única” pela outra parte, a masculina.

6.4 - O lugar do Pai na definição da mulher

Louise desde a infância parece ter o pai como a pessoa mais próxima a ela e no qual deposita sua confiança. Seu pai a confiara sua infidelidade, causando-lhe alguns problemas em sua personalidade, que anteriormente ela atribuía aos problemas que teve com a mãe e com o padrasto, porém durante o processo psicoterapêutico, ela percebeu que a dificuldade advinha da relação com o pai. “Ela (psicóloga) que me fez enxergar o tanto que meu pai me fez mal em me contar que traía minha mãe”.

O pai de Louise tem uma postura ausente frente ao comportamento do Mário, sendo um dos motivos geradores de angústia na Louise, pois ela esperava que o pai fosse a lei que interditasse. Cabe ao pai, em primeiro lugar, enlaçar o gozo ao amor. O amor do pai não funciona só como limite, mas como aquele que encarna um desejo vivo, possibilitando inscrição de um gozo contingente. O pai é reconhecido em sua função se pôde confrontar-se com o gozo de uma mulher com aquela que se torna sua causa. Grant (2002, p. 144) afirma “que uma mulher precisa de um ‘Pai’, esta testemunha invisível e causa da fundação de seu inconsciente, para gozar e amar um Outro.”

E outra coisa, eu tenho vergonha com a atitude do meu pai, [...], nós chamamos ele de falecido né, aí meu pai fala assim: não, ele é uma boa pessoa, ele é trabalhador. Então para o meu pai era melhor eu ter abafado tudo ter vivido mal pelo resto da vida, não ter exposto para a sociedade, que tinha a traição junto.

Louise concorda com o pai quando revela que o ex-marido é realmente um rapaz trabalhador e que não merece punição pelos comportamentos apresentados. “Porque na verdade ele é um rapaz de família, ele tem um distúrbio, mas ele é um rapaz trabalhador”, sentindo-se culpada pelos comportamentos do ex-marido “porque se eu não tivesse separado nada disso teria acontecido”. Socialmente Mário é bem visto e toda essa representação parece deixar Louise com a carga de que ela é culpada pelos acontecimentos em seu casamento e divórcio, permitindo acreditar que se tivesse mantido o silêncio diante das situações, tudo poderia ser diferente.

Louise parece querer reencontrar o modelo paterno nos homens que procura se relacionar. Freud (1932/1996) afirma que no caso da mulher a escolha recai segundo o tipo paterno. Aparentemente podem ser pessoas completamente diferentes, mas a semelhança se

dá conforme salienta Klein (1949/1995) em alguns aspectos mais sutis, pequenos detalhes que ficaram esquecidos ligados a impressões primitivas da infância das figuras parentais. A autora afirma que não é possível fugir disso, pois se está sempre tentando encontrar substitutos para os pais e fazer com estes, o que não foi possível fazer com aqueles originariamente.

Se Louise busca em suas relações sexuais este Pai, porém ela busca ainda ser amada e cuidada por esse Pai que não corresponde as suas expectativas. Pommier (1992, p. 121) revela “que o amor do Pai é um amor cruel, porque seduz graças a sua impossibilidade.” De fato, o papel do pai implica que ele ame uma outra (mãe), e no entanto, é essa função que provoca o desejo. Louise desde sua infância ouvia de seu pai as histórias de suas relações extraconjugais, ou seja, amores extras que não eram ela.

6.5 - O desequilíbrio como equilíbrio da vida psíquica

Durante o relato de Louise, inúmeras mudanças nos papéis sociais foram relatadas. Casou-se muito jovem tendo que assumir o papel de esposa; engravidou muito jovem tendo que deixar o papel de filha e assumir o papel de mãe; Saiu de uma vida confortável e “*virou do lar*”; Foi aprovada em um concurso público em meados de 2002 com uma remuneração alta, mudando de status social, porém isso não foi condição para haver uma peripécia¹⁴ em sua vida, afirmando estar com ele por amor. “*Todos acharam que eu ia separar, mas não, eu falava que estava com ele porque gostava mesmo. Só que a gente tinha momentos bons e o restante só grosseria dele, etc.*”. Ela revelou ainda em alguns momentos, que o Mário tenta de todas as maneiras prejudicá-la para que ela perca seu emprego e volte a depender dele. A carência da mulher encarna para os homens a essência da feminilidade até o ponto de transformar-se, às vezes, na condição necessária para que um homem possa abordar uma mulher.

Lacan dá muita importância ao livro de Léon Bloy justamente intitulado *A mulher pobre*, uma das obras nas quais o autor católico prega a renovação espiritual através do sofrimento e da pobreza. *A mulher pobre* relata a história de Clotilde Marechal, mulher de 30 anos de miséria, resistência, desespero.

Para Lacan, a feminilidade aí se encontra exaltada por todos os traços que podem valer como traço de falta, de incompletude e de deficiência. Clotilde comove o pintor e escultor Gacognol para quem, no maior desespero, ela, sem outra saída, se conforma em ser modelo. Aceitar ser modelo a inscreve numa posição privada até de seu próprio corpo.

Gacognol a achou muito comovente e quase sublime, no cenário de sua aflição. Nesse momento, a admiração sem cálculo e a piedade sozinha agiram imediatamente sobre ele e fizeram-no tomá-la sob sua proteção. Quer dizer que ela torna-se objeto de admiração e pena sob a condição de se apresentar sob o signo do menos.

O romance termina quase sobre essa constatação surpreendente da heroína: “ela compreendeu o que não está longe do sublime: que a mulher só existe de verdade sob a condição de existir sem pão, sem pouso, sem amigos, sem marido e sem filhos.”

Um homem nem sempre aceita com facilidade o fato de a mulher ter posses. O que ocorre com cada vez mais frequência em nossos tempos dadas as oportunidades que se abrem para as mulheres em todos os setores de atividades.

¹⁴ Anagnórise (reconhecimento) passagem do ignorar para o conhecer.

“Eu era do lar né, nossa eu era tão magrinha que parecia uma varetinha, coisa mais feia do mundo [...]. A raiva dele maior e que toda vez que estávamos separados, eu reformei minha casa, pintei e ele viu que eu não precisava dele”.

Mostrando-se em falta, a mulher não ameaça o que seria o apanágio do homem, isto é, a posse legítima (embora não tranqüila) do que lhe pertence. É o que, com frequência, o homem exige como condição de desejo em sua relação amorosa: que a mulher seja marcada pela insuficiência como prova de feminilidade. Louise revela que Mário está o tempo todo buscando trabalhar muito para ganhar mais do que ela, e teme que ele se envolva com “coisas erradas” para conseguir dinheiro. O fato de Louise ganhar mais do que Mário é usado por ela como uma das racionalizações para justificar o comportamento violento.

Porém, Louise parece não conseguir mudar em sua vida é a violência existente em sua relação com o ex-marido, mesmo que em sua fala demonstre o inverso:

“É como se eu tivesse determinação na minha vida: homem que me trata mal esquece, é tchau, é nunca mais, porque eu já vi que se eu aceitar uma, eu aceito pelo resto da vida ai é mais quatorze anos, homem que trai quem perde é ele, ele que vai me perder, quem tem a perder é ele”.

Todo parceiro sexual pode se tornar devastador para uma mulher se ele não chega ou deixa de ocupar um lugar no discurso que toca o gozo específico da mulher, o gozo além do falo, isto é, se ele não ocupa um lugar em sua fantasia para que ela possa encontrar um limite para esse gozo. Louise revela mudanças em suas relações sociais advindas da violência conjugal:

“Eu vejo que eu mudei assim, todinho, eu não faço questão de conhecer pessoas, porque eu sinto que você já me conhece por causa dessas histórias, pelo fato de ele falar tão mal de mim, eu já chego perto de você e falo oi e não quero mais papo com você e sou assim com as pessoas, porque você vai conhecer a versão dele e não a minha e eu não tô a fim de me defender. Ai hoje eu praticamente sou sozinha, eu me fechei no meu mundo de vergonha”.

Ao falar sobre a vergonha que sente perante todas as pessoas que sabem de sua história, principalmente daquelas que estão à frente das instituições que são responsáveis em tomar as providências necessárias em caso de violência conjugal, ela revela estar cansada e incrédula.

“Por exemplo, hoje assim não só pelo fato de estar cansada, eu acho que já tinha que ter um basta de ele me xingar e o único basta e ele indo preso, ele vai perder a guarda do meu filho. E aí, ele vai sair de lá sem ter nada a perder e o que ele vai fazer, vai querer me matar e aí ele vai porque quem sai do Urso Branco vira bandido de carteirinha mesmo né, então sabe quando você tem que ficar calculando o que posso fazer e o que não posso fazer para que não me prejudique e prejudique o Pedro Augusto. Então ele estando me xingando ele não tá me prejudicando, apesar que tem dia, acho que quando eu estou de TPM, que ele fala puta, biscate e como se fosse a primeira vez e não esperasse isso dele entendeu, tem dia que, nossa ele quase me mata, mas tem dia tudo normal, de práxis, sabe. Outra coisa que eu também tinha com relação ao Mário e que depois de eu ter lutado tanto com ele, de eu ter sido companheira, eu acho a maior traição que ele fez pra mim, dele me expor desse jeito, ele querer me lascar”

Louise sente-se impotente perante o fato de não conseguir livrar-se da violência do ex-marido, *“eu voltava porque achava que ele tinha entendido a mensagem, tipo eu ficava arrumando explicação para mim, pelo amor de Deus, pelo que eu tava passando, se eu não fizesse nada ninguém faria”*, porém estas voltas podem ser atreladas há momentos bons que teve nesta relação e do qual diz sentir falta. *“Às vezes me pego pensando nas coisas boas que ele fazia e sinto muita falta. Chego a comparar com o Eliseu e ele é melhor em um monte de coisas”*.

Inúmeras foram às ocorrências feitas por Louise na Delegacia da Mulher, porém nenhuma atitude efetiva foi tomada, não do modo como ela esperava. *“Eu tava cansada de ir à delegacia. Quando eu chegava lá a moça dizia você é a famosa do Mário?”* Pedidos de ajuda para o pai foram feitos, porém *“meu pai não gosta de se intrometer, então por meu pai não ter postura, o Mário faz e acontece, porque meu pai não tem postura, porque eu só tenho meu pai, minha mãe tá lá em Minas e ele fica pedindo paz e com Mário não tem paz”*.

Na mulher além da articulação particular entre palavra e amor há uma conjunção também entre palavra e gozo. A mulher espera que o homem doe seu gozo fálico como também doe sua palavra, porém em ambos os casos se trata dele *“dar o que não tem”*.

Louise não acredita na polícia, figuras que deveriam representar autoridade, impondo-lhe limites de atuação, *“aí a gente começou a ver os delegados a favor dele (ex-marido)”*. Esta mesma polícia que para Louise deveria protegê-la, *“é muito difícil lá na delegacia a maneira como a gente é tratada, se chega lá e você acha que você merece ser presa, porque elas te tratam tão mal, mas tão mal”* é a mesma que estava ao lado do Mário, dando-lhe autoridade para agir. *“Chegou o delegado ameaçou ele (Mário 2) porque se não ele ia ver só, porque quem mandou ele tomar a mulher do outro, porque na casa que se come o pão não come a carne”*.

Mesmo diante de todas as falas de Louise frente a postura da Lei, paterna e de Estado, observa-se que esses pedidos são apenas para explicar socialmente o que não se pode justificar frente ao gozo.

O gozo, diz Lacan, está vedado a quem fala como tal, ou ainda, que ele só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da Lei, já que a Lei se funda justamente nessa proibição. É importante visualizar a busca desenfreada de Louise pelo seu objeto de gozo através dessa relação violenta.

6.6 - Mulher ideal para a relação violenta

“O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... mais... ainda.” Lacan (1972-1973/1982)

Mesmo após inúmeras brigas e reconciliações e por fim uma separação física, Louise acredita que o Mário não a deixará em paz, pois ela é o tipo de mulher que ele idealiza.

“Enquanto ele não arranjar uma pessoa, ele até que arruma, porque ele deve comer a metade da população de Porto Velho, mas ele procura eu nas mulheres e hoje as mulheres não tem, eu fui na verdade ver esse mundo de fora agora e vejo na minha visão que as mulheres não querem começar do zero, ninguém quer lutar junto, são poucas e quando ele percebe que as mulheres estão se aproveitando dele, e ele tem um chaminha para as novinhas”.

Interessante, Louise ao final da fala acima, mencionar que ele tem “*um chaminha para as novinhas*”, entretanto ela diz que ele não a deixará “*enquanto ele não achar uma pessoa a minha altura ele não vai me deixar quieta*”. Este fator parece confortar Louise, pois supõe que nenhuma menina jovem suportará a relação violenta que ela estabelece como ex-marido.

Em alguns momentos parece ter esperança do ex-marido a tratá-la como socialmente é predefinido, quando disse:

“Louise pare com isso, vamos voltar, eu te amo, papapa... No outro dia ele dizia: biscate. Não entendia, num dia é amor, no outro é dor. Por que fala tão mal de mim se quer ficar comigo? Até hoje não parou”.

Louise acredita ser o modelo ideal de mulher para o ex-marido, e ela procura em suas relações afetivas, o homem que ela considera o ideal, o ex-marido. Em sua primeira tentativa de romper com o ex-marido, enamora-se de um homem com o mesmo “nome próprio” do ex-marido, porém ele estabeleceu um modelo de relacionamento diferente, não a satisfazendo como ela queria. Seu novo marido (Eliseu) apresenta as mesmas escolhas profissionais iniciais do ex-marido, vendedor com remuneração bem abaixo do que ela recebe. Eles apresentam o mesmo timbre de voz, podendo ser confundidos no telefone: “*quando o Mário tá educado não dá para diferenciar ele do Eliseu*”.

Mesmo que Louise não permita que seu marido a violente, ela diz que ele tem “*cara de mal*”. Por que alguém com cara de mal, se em seu discurso revela não permitir ser violentada?

Aparentemente, a cara de mal parece representar a possibilidade de uma violência latente, que a qualquer momento pode se apresentar, satisfazendo os desejos mais escondidos de Louise, o gozo na violência.

Com o passar dos dias após o casamento, ela percebe que o marido não corresponde as suas demandas e já pensa na possibilidade de romper a relação. Lacan (1974) revela que não basta o homem ser provido do órgão: ele tem que encarnar o significante do desejo, aquele que lhe pode revelar quem ela é como mulher. Se o homem não encarna o significante para ela, a mulher pode desenvolver um desgosto pelo órgão.

Louise procura estar sempre atendendo as demandas do ex- marido, pois “*ele botou na cabeça dele que eu gosto de homem com dinheiro*”, ela então deixou seu “*homem perfeito*” (Mário 2), bem sucedido financeiramente, e casou-se com um supervisor de uma loja de materiais de construção, que “*deve ganhar até menos que o Mário*”, para deixar explícito ao ex-marido que o ele alega não é a verdade.

Observa-se que não houve um término na relação de Louise com o ex-marido, sendo relevante observar que na relação amorosa, o difícil é o fim do amor. O amor e o que ele representa na subjetividade dela parece dominar toda a sua psique, fazendo do amor uma exigência sustentada por essa demanda: me ame.. me violente. O que motiva sua demanda de amor são as trocas envolvidas ao Outro – Outro do amor. Porém se para uma mulher, falha esta prova essencial do desejo do Outro, se o desejo do homem não lhe rende homenagem, se ele lhe insinua que ela não tem nem é o falo, um buraco se abre sobre seus pés pelo qual escorregará facilmente para uma passagem ao ato ou ao desespero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu compreender a dinâmica psíquica de uma mulher de classe média alta em condições de independência financeira do cônjuge, possuindo escolaridade em nível superior completo que se assujeita a uma relação conjugal violenta.

Atualmente, ainda se fala das mulheres como o suposto “sexo frágil”, pergunta-se se trata de um sexo biologicamente frágil ou se a suposta “fragilidade” do sexo feminino é o resultado de uma construção social, que é passível de mudança ao longo do tempo. Observa-se que, atualmente, as mulheres exercem profissões que até há pouco tempo eram consideradas tipicamente masculinas, sendo também responsáveis pelo sustento de suas famílias.

A inserção das mulheres na esfera pública fez com que elas abandonassem o “exclusivismo” das tarefas domésticas, apresentando o desafio de uma redistribuição das atividades entre os cônjuges e entre os outros membros das famílias. É claro que esta passagem foi muito mais fácil para as mulheres das classes médias e altas, que puderam contar com o auxílio de empregadas domésticas, que assume suas tarefas, resguardando para os homens a prerrogativa das atividades na esfera pública.

No nosso mundo civilizado as mulheres estão sob a influência de um efeito residual, semelhante, de sua educação e, além disso, de sua reação ao comportamento dos homens. Partirmos da premissa de que a mulher se assujeita à violência conjugal por medo da força masculina imposta dentro da relação, porém constatou-se que a manutenção da relação dá-se pela busca de prazer na dinâmica psíquica violenta, em que a mulher se permite ser devastada pelo cônjuge.

Mesmo diante da compreensão da dinâmica psíquica que mantém a relação de assujeitamento da mulher à violência conjugal, não se pode deixar de lado as representações sociais da mulher, do homem, das relações sociais de gênero, casamento, família, universo simbólico que norteiam as mulheres.

O casamento se constitui para a mulher de duas maneiras: uma representação real, que se refere à realidade vivida, que se traduz em violência, tristeza, decepção, fruto das diversas violências sofridas e outra representação que se refere aos sonhos, ao desejo, aos projetos idealizados antes da efetivação das relações conjugais. O ambiente onde mais ocorre a

violência contra a mulher é no âmbito de sua residência, seguindo de suas imediações o que acentua a invisibilidade da violência e seu caráter privado.

Louise procurava manter socialmente a aparência de um casamento perfeito, quando revela nesta fala: *“todo dia eu saía do trabalho, eu passava na padaria, ele me tratava mal na frente dos empregados, nossa que vergonha, ele gritava comigo, eu queria morrer, porque eu queria mostrar que era tudo ótimo”*.

Ela vivia a esperança de mostrar socialmente que mantinha um casamento feliz com Mário, porém sabia que a cada dia isso se tornava mais difícil, em virtude das agressões sofridas socialmente.

A representação de violência apresentada por Louise foi física e psicológica (expressos no bater, na destruição de objetos, xingar, isolar, etc.), seja pelas consequências da violência na vida e na saúde, a exemplo de baixa autoestima, depressão, dificuldades de relacionamento, etc. Contudo a violência emocional prevaleceu sobre a representação social de Louise sobre a violência conjugal, pois revelou isolar-se das pessoas para evitar explicações acerca das situações vivenciadas.

A manutenção da relação deu-se segundo o discurso de Louise, por acreditar que apesar de haver situações desagradáveis na relação, os pequenos momentos bons que haviam compensavam e a deixavam feliz.

Todo um circuito de trocas amorosas se torna possível quando os traços que causam o desejo são encontrados num parceiro – traços que devem ser justamente recobertos pelo imaginário do amor. Zalberg (2007, p.104) revela que “é preciso, pois, que, o objeto esteja ao mesmo tempo situado na demanda, no desejo, na pulsão e recoberto pelos objetos amorosos”.

Louise revelou que desde o início de sua relação com Mário, as agressões se faziam presentes, porém acreditava nas mudanças prometidas por ele. As fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, que se torna um depósito de fantasias mais arcaicas, um representante da possibilidade de restauração do narcisismo ferido, um outro eu-mesmo que deseja as mesmas coisas que eu e me resgata para sempre da condição da falta em que me encontro para me elevar à condição dos deuses: a recuperação da onipotência.

Mas, passado este momento de felicidade plena (que também pode ser de intensa angústia, já que eu já “sei”, por experiência, que o outro me escapará), a paixão amorosa tem que reviver a decepção infantil do recém-nascido que perde a condição de único no desejo da

mãe: o outro volta a ser mover. Ganha corpo, existência concreta para além das minhas fantasias apaixonadas. O outro não pode estar sempre; o outro não pode dar tudo; e, o que é pior: eu não posso lhe dar tudo.

O amor vem suprir a falha de uma relação direta entre homens e mulheres. A relação entre homens e mulheres é sempre mediada: pela linguagem, pelo falo, pela fantasia, pelo gozo. Pelo sintoma, enfim. É a relação particular que cada um dos sexos mantém com essas variáveis que rege a impossibilidade de um acordo natural entre os sexos. Paradoxalmente, onde homens e mulheres deveriam encontrar-se é justamente onde se separam destinados ao exílio em seu próprio gozo: na relação sexual.

O amor, por mais contingente que seja, tem uma estrutura de sintoma, o que combina perfeitamente com seu caráter repetitivo e competitivo. Se o sintoma de fato designa, num sujeito, os arranjos de seu gozo de falasser¹⁵ que não criam vínculo de um com o outro, mas apenas entre o um e seu gozo, o amor é o sintoma que consegue atar essa primeira relação, que não cria um laço social – é autista, portanto - a um vínculo com o semelhante sexuado.

Enquanto Lacan, falava com relação ao homem, em mulher-sintoma, não encontrou coisa melhor, do lado da mulher, do que devastação ou aflição, o homem devastação. Os dois termos conotam, ao mesmo tempo, as agonias da dor e a destruição que aniquila. Louise revelou em suas falas o quanto se sentia aniquilada e destruída pelas palavras proferidas pelo Mário, o quanto deixou de ser ela mesma e passou a questionar sobre seu comportamento: “[...] *menina de Deus, puta era doce, ele me chamava tanto de puta que ate eu acreditava. Ele me chamava tanto de puta que eu pensava: acho que eu sou puta. Será que eu faço? Nossa eu devo ser puta mesmo*”. Porém Louise parecia contentar-se em ser raptada de si mesmo, contentando com pequenos momentos de alegria. As variações do sintoma aparecem à flor dos fenômenos, porque é óbvio que os há mais ou menos incômodos. Uns são intoleráveis, pelo gozo deletério que incluem outros muito bem tolerados.

E esse é o núcleo da devastação: é o gozo outro que devasta o sujeito, no sentido forte de aniquilá-lo pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos desse eclipse parecem nunca faltar.

A violência existente dentro da relação de Louise não estava escondida socialmente, porém a manutenção estava encoberta pela busca do prazer. A mulher ao denunciar o marido não quer efetivamente puni-lo, mas sim, deseja apenas dar um susto nele, de modo que este pare de agredi-la. Desta forma o real desejo dela não era o de punição. Louise negou-se a

¹⁵ Lacan chamou de discurso uma organização das práticas, dos usos e costumes, ou seja, uma regulação dos gozos permitidos.

revelar no meio social em que frequentava com seu pai, o que lhe ocorria, por sentir-se envergonhada em permitir que a situação ocorresse, porém fez inúmeras ocorrências na delegacia da mulher até o momento em que a penalidade para ele não fosse ser preso, confirmando que as falas apenas eram para que a Lei interditasse o comportamento do Mário, pois a Lei maior que ela esperava que assim o fizesse (pai) não o fez.

Para entender o porquê da permanência de Louise por tanto tempo com quem a agride é necessário desvelar a realidade oculta que a assujeita cotidianamente. Quando o desprazer e a dor deixam de ser somente um sinal para se transformarem ele mesmo em alvos das pulsões, isso significa que o princípio de prazer, que Freud sempre considerou o guardião da vida psíquica, fica paralisado: "é como se o vigia de nossa vida psíquica fosse colocado fora de ação por uma droga" (Freud, 1924a/1996, p. 199).

Evidencia-se aqui uma figura teórica de excesso – e não de esvaziamento dos estímulos – na obra freudiana. Esse excesso tem como condição de possibilidade a circunscrição da segunda teoria pulsional, a idéia da mescla pulsional, da fusão e da desfusão entre Eros e pulsão de morte.

Constitui-se como um efeito do sentimento de culpa, sendo que o sofrimento aqui aparece como um destino (o que Freud denominou de "neurose de destino") que seria alheio ao sujeito, como obra do acaso. No masoquismo apresentado por Louise, o que parece estar em questão é a posição de humilhação frente ao objeto amoroso, pois aqui se faz necessária a encenação masoquista com o outro.

Esse prazer que é experimentado como intensidade tem como condição necessária o "consentimento à dor". Mais do que uma relação com a dor propriamente dita, o masoquismo é uma posição de vulnerabilidade, de abertura, de acolhimento à excitação. Ao permitir a presença simultânea do prazer e da dor, o movimento do masoquismo consiste não em opor resistência à dor, mas, ao contrário disso, em "consentir à dor", abrindo a possibilidade de uma relação ao prazer que se inscreve como uma brecha na hegemonia do princípio de prazer, dessa regulação que funciona de forma unicamente defensiva frente a qualquer perturbação.

Consentir à dor, portanto, significa uma atitude de entrega ao mesmo tempo ao prazer e à dor, o que dá uma abertura para o que podemos chamar de uma experiência de intensidade, que só pode ser encontrada em uma região fora do circuito de evitação da dor.

Ao falar sobre os motivos que a levaram a permanecer junto ao Mário, ela respondeu que inicialmente se achava incapaz de negociar as mudanças por parte do ex-marido e de enfrentar a situação, pois se sentia desvalorizada, com uma auto-imagem negativa e

sentimentos de desamparo, inferioridade, insegurança, pois essa segurança foi buscada no pai, o que não obteve. Porém observamos que a real necessidade de manter a relação violenta funda-se na busca de um gozo através da repetição à dinâmica estabelecida com o cônjuge.

Outros sentidos relatados, como esperança na mudança de atitude do Mário, tendência para justificar o comportamento violento dele e tendência para valorizar o papel de bom pai, mostram como Louise assume uma atitude de aceitação, submetendo-se ao que é ditado pelas normas sociais, cumprindo os seus papéis sociais, mesmo estando numa condição financeira adequada para manter-se sozinha. Não raras vezes, se culpa pelo comportamento violento e agressivo do ex-marido, em detrimento da preservação desses "status sociais" ocupados por ela e pela imagem de "homem trabalhador" que ele tem.

Isso é observado em todos os espaços sociais, mas, sobretudo, essa posição é legitimada dentro da família, é legitimada essa posição acerca do marido, do pai e dos filhos, em especial os do sexo masculino. No entanto, a violência conjugal não é experimentada de modo unânime, ou seja, as respostas das mulheres que a vivenciam não têm um caráter universalizante, mas *socialmente estruturado no modo como esses elementos* - gênero associado com os outros elementos, como idade, condições familiares, sociais, econômicas e culturais.

A compreensão da dinâmica psíquica feminina em relação à violência conjugal implica em transformações por mais sutis que sejam no acolhimento das mulheres que procuram auxílio na delegacia de polícia da mulher ou nas clínicas médicas, de modo a poder ajudá-las em suas demandas emocionais. As medidas psicológicas interventivas e a compreensão do discurso serão válidas a partir do momento em que deixem falar os aspectos subjetivos e que garantam direitos e não destaquem dessemelhanças.

A resolução da questão feminina de uma mulher passa, segundo Zalcberg (2007), em grande parte pelo desejo, gozo e palavras de amor de um homem e pelos efeitos dos mesmos sobre sua subjetividade. Esse fenômeno explica porque as mulheres continuam, ainda e sempre, tão voltadas para as questões centradas no amor.

Principalmente quando os vínculos entre homens e mulheres se desfazem facilmente na contemporaneidade, porém as relações de desejo e gozo as mantêm reféns muitas vezes desse amor.

Vale salientar que a compreensão da dinâmica psíquica das mulheres à violência conjugal, não isenta o incentivo para encorajá-las a denúncia, a buscar sua autonomia perante a violência na relação conjugal, ao contrário, deve-se incentivar a denúncia, porém faz-se

necessário acompanhá-la em suas demandas afetivas para que a compreensão de suas ações possa servir de mudança na relação com o cônjuge.

É importante compreender que não se pode equacionar o silêncio com o rompimento da relação violenta, pois é difícil já que implica romper todo um modelo de vida, com a esperança de mudança, ou com a fantasia que minimiza as perdas atuais, fazendo o rompimento projetar-se como uma perda insuportável daquilo que de alguma maneira lhe causa prazer. Deve-se convocar a mulher a se responsabilizar pelo seu desejo, desbancando o suposto saber do discurso jurídico e assumindo a falta, o vazio no qual supõe haver um saber do Outro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.A; GUERRA, V. N. A. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: AZEVEDO, M.A; GUERRA, V. N. A; OLIVEIRA, A.B. (Org.). **Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed., Lisboa: Editora Edições 70, 2004.

BRAGHINI, L. **Um estudo exploratório sobre a submissão feminina a situações crônicas de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado. 1990. 436 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 1990.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1949.

BLOY, L. **A mulher pobre**. São Paulo: Ulisseia Editora.

CAMÕES, L. V. **Vida e Poesia**. Disponível em: <http://www.vidaem poesia.com.br/camoes.htm>. Acesso em: 07 de Jan. 2011.

CERRUTI, M. Q. **Bate-se em uma mulher: impasses da vitimização**. Dissertação de Mestrado, 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M.L.; HEILBORN, M. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, v. 4, 1984.

COSTA, J. F. Violência e Psicanálise. In: TAVARES, D. M. C. **Violência Doméstica: uma questão de saúde pública**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

COULANGES, F. **A cidade antiga**. 1996. Disponível em: <http://ebooksbrasil.org/eLibris/cidadeantiga.html>. Acesso em: 03 de Fev. 2011.

CUNHA, T. R. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. **Projeto para uma Psicologia Científica**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. X 1895/1996.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. VII 1905/1996.

_____. Escritos criativos e Devaneios. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. IX 1908/1996.

_____. Contribuições à Psicologia do Amor. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XI 1910/1996.

_____. Totem e Tabu. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIII 1913/1996.

_____. Os Instintos e suas vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV 1915/1996.

_____. O tabu da virgindade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XI 1918/1996.

_____. Uma criança é espancada. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVII 1919/1996.

_____. Estar Amando e Hipnose. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, V. XVIII 1921/1996.

_____. Dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX 1924a/1996.

_____. Organização genital infantil. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX 1924b/1996.

_____. O problema econômico do masoquismo. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XIX 1924c/1996.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX 1925/1996.

_____. Sobre a sexualidade feminina. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI 1931/1996.

_____. Feminilidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XXII 1932/1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 17. Ed. tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

GRANT, W. H. Considerações sobre a Homossexualidade feminina. **Revista Psychê**. Ano VI n. 9, São Paulo: Unimarco Editora, 2002.

HIRIGOYEN, M. F. **A violência no Casal**. São Paulo: Ed. Bertrand do Brasil, 2005.

JACOBUCCI, P. G. **Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica que mantêm o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões**. Dissertação de Mestrado. 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2008.

KLEIN, M. **Amor culpa e reparação (1949)**. Obras Completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KOVÁCS, M.J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LACAN, J. **O Seminário** – Livro 11(1963) - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 1979.

_____. **O Seminário** – Livro 20 (1974) - Mais, Ainda. São Paulo: Jorge Zahar Editores, 1982.

_____. **O Seminário** - Livro 1- Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954). São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 1987.

_____. **Escritos**. A lógica do Fantasma (1966). São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O Seminário** - Livro 10 - A Angústia (1962). São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 2005.

MARQUES, T. M. **Violência Conjugal**: estudo sobre a permanência em relacionamentos abusivos. Dissertação de Mestrado. 2005. 303 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005.

MEYHI, J. C. S. B. **História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. São Paulo: Summus, 1999.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008.

MONTERO, R. **Histórias de Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2008.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, K. N. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro: sobre violências conjugais contemporâneas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

POMMIER, G. **A Ordem Sexual: perversão, desejo e gozo**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1992.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M.C. (Org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, 1997.

ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A, 1972. (Livro I).

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHAIBER, L. B. **Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SILVA, B. G. **A violência conjugal contra mulheres das classes médias do município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SILVA, M. C. M. **Rota Crítica: os (des) caminhos trilhados por mulheres em situação de violência doméstica na busca por ajuda**. Dissertação de Mestrado. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo, 2008.

SOLER, C. **Variáveis do fim de análise**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

VENTURY, G. et al. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos** 3º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZALCBERG, M. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Porto Velho, ____ de _____ de 2011.

Declaro à senhora entrevistada e colaboradora deste trabalho que realizo para esta pesquisa, que as informações obtidas pelas entrevistas serão de conhecimento exclusivo da pesquisadora listada abaixo.

Este estudo está sendo realizado com a finalidade de compreender **a dinâmica psíquica que assujeita uma mulher de classe média e média alta a uma relação conjugal violenta**, e faz parte do curso de pós-graduação *strictu sensu*, orientada pela Prof. Dra. Maria Ivonete Barbosa Tamboril, do Programa de Mestrado de Psicologia da UNIR.

Informamos que os resultados serão divulgados somente sob os preceitos éticos da ciência e conforme estabelece a legislação brasileira em vigor sobre tal assunto. Portanto, em nenhum momento, aparecerá o seu nome ou quaisquer dados que possam levar a identificação da sua pessoa, assim como **é de seu direito desistir de colaborar com este trabalho a qualquer momento, independente do motivo**.

Outrossim, seguindo a normatização habitual para qualquer trabalho com seres humanos, pedimos que assine o Termo abaixo caso CONCORDE em participar deste trabalho.

Atenciosamente;

Ana Carolina G. Teixeira CRP nº 9169/RO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ portadora do RG _____ declaro que concordo com a realização do trabalho acadêmico mencionado acima, conforme os termos propostos.

Porto Velho, ____ de _____ de 2011.

ANEXO

ANEXO A – Carta de Aprovação do CEP

**Fundação Universidade
Federal de Rondônia – UNIR**



Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU

Porto Velho, 06 de julho de 2010
Carta 026/2010/CEP/NUSAU
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Para: Ana Carolina Gomes Pereira
Assunto: Parecer Ético
FR: 336622
CAAE: 0012.0.047.000-10

Informo-lhe que o projeto de pesquisa de sua autoria “*Violência conjugal em mulheres de classe média ou média alta*” foi **aprovado** em reunião do Comitê de Ética realizada em 05/07/2010. Por conseqüência, o estudo poderá ser imediatamente iniciado.

Outrossim, esclareço que este Comitê deve ser informado do andamento da investigação, bem como receber cópia do relatório final, quando de sua conclusão.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Lucinda Maria Dutra de S. Moreira', is written over a horizontal line.

Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira
Coordenadora/Portaria 260/GR

ANEXO B – Carta de Aprovação do CEP

**Fundação Universidade
Federal de Rondônia – UNIR**



Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU

Porto Velho, 15 de julho de 2011
Carta 028/2011/CEP/NUSAU
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Para: Ana Carolina Gomes Teixeira
Assunto: Parecer Ético
FR: 336622
CAAE: 0012.0.047.000-10

“Informo-lhe que foi aprovado por este CEP, alteração do título do projeto de pesquisa de sua autoria *“Violência conjugal em mulheres de classe média ou média alta”* para **“Amor e dor: Violência na vida conjugal de uma mulher”**.”

Outrossim, esclareço que este Comitê deve receber cópia digitalizada do relatório final, na conclusão de seu estudo.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, reading "Lucinda Maria Dutra de S. Moreira", is written over a horizontal line.

Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira
Coordenadora/Portaria 260/GR

Ms. Lucinda M. Dutra de S. Moreira
Comitê de Ética em Pesquisa NUSAU/UNIR
Coord. Port. 260/GR/2010